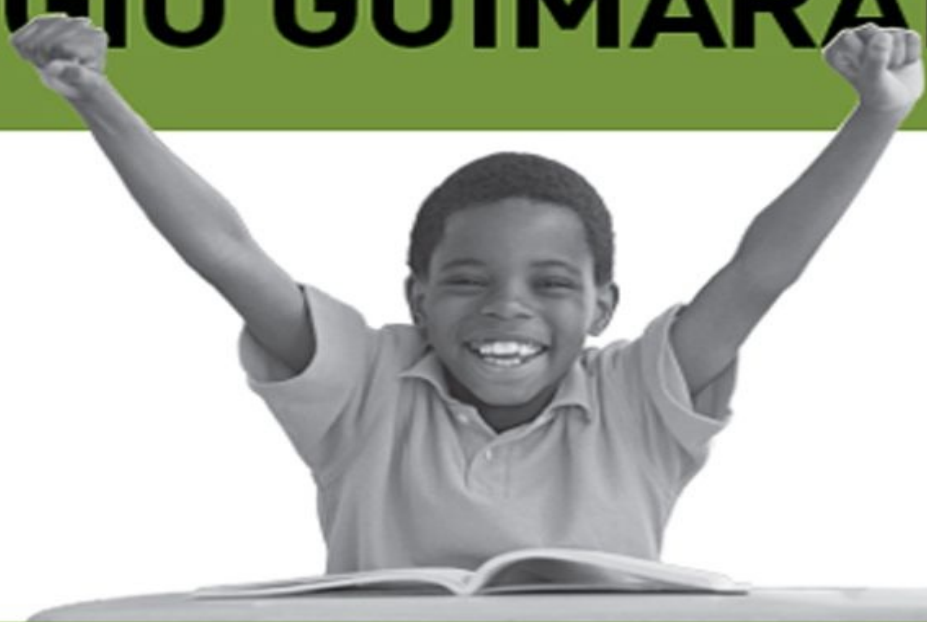


“Você só é autoridade na medida em que tem, e você só tem na medida em que não impõe, em que ela se constitui, na relação com a liberdade.”

– PAULO FREIRE E SÉRGIO GUIMARÃES



LIÇÕES DE CASA ÚLTIMOS DIÁLOGOS SOBRE EDUCAÇÃO



PAZ E TERRA

**- PAULO FREIRE
E SÉRGIO GUIMARÃES**

**LIÇÕES DE CASA
ÚLTIMOS DIÁLOGOS SOBRE EDUCAÇÃO**



PAZ E TERRA

Copyright © Villa das Letras / Sérgio Guimarães

Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela EDITORA PAZ E TERRA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Paz e Terra Ltda.
Rua do Triunfo, 177 — Sta. Ifigênia — São Paulo
Tel.: (011) 3337-8399 — Fax: (011) 3223-6290
<http://www.pazeterra.com.br>

Texto revisto pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Tradução do texto de Antonio Faundez e revisão técnica: Heitor Ferreira da Costa.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Freire, Paulo, 1921-1997.

Lições de casa [recurso eletrônico] : últimos diálogos sobre educação / Paulo Freire, Sérgio Guimarães.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.
recurso eletrônico

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui índice
ISBN 978-85-7753-223-0 (recurso eletrônico)

1. Família. 2. Pais e filhos. 3. Responsabilidade dos pais. 4. Educação para a vida familiar. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

11-11345

CDD 370.981

AO NOSSO QUERIDO E SAUDOSO

FERNANDO GASPARIAN

Sumário

PRIMEIRA PARTE: OLHAR DE FORA

1. FORA da própria língua: recriar sem distorcer

1. Um primeiro problema, ideológico: “O leitor nem sempre lê o que se escreveu.
2. “Em lugar de ‘capitalista’, eles puseram ‘trabalhador!’”
3. Seminários, o único termômetro. E “a tradução da tradução da tradução”.

2. VISÕES do exílio e volta para casa

1. Crise da educação? “Não há.” Exílio: “Vou ver se faço um livro leve.”
2. Ingenuidades? “Eu aceito a crítica. Mas eu não morri, depois daquele livro.”
3. Marx: Se ele hoje baixasse por aqui, eu acho que ele morria de novo
4. A educação e os níveis de luta no Brasil: trabalho com as massas, “jamais sobre elas”.
5. Político, sim. Mas “eu seria um péssimo ministro, de qualquer coisa, inclusive da Educação”.
6. Retorno ao Brasil: “Até dois anos atrás, eu não via essa possibilidade. Hoje eu vejo.”
7. Mais brasileiro e universal a partir do local, “uma das boas descobertas que o exílio me deu”.
8. “Os senhores são malvados! Como é que não soltam o meu filho?”

9. Jovens, cartas, depoimentos pessoais: “sintomas de que as coisas estão mudando.”
10. Um certo pudor. Amílcar, Arraes e a consciência “assim bem lúcida, para reconhecer os limites da gente”.

3. “COMO também poesia, como também cantar”

1. “Uma simples pedrinha...” Uma flor, uma neve que cai.
2. *Pedagogia do oprimido* em poemas: “Mas vi depois que isso não dava.”
3. Banheiro, quarto, sala, rua: “Conheces esse cantor?”

4. “JOGO difícil, jogo arriscado”: a educação dentro de casa

1. Autoridade do pai, liberdade do filho: “A gente pode correr aí dois riscos.”
2. A opção de “se achar porque se perdeu”: “É um jogo de que a gente sai ou não sai.”
3. “No fundo, todo privado é público.” E o diálogo, mesmo no silêncio.
4. A marca do pai, presença permanente: “Uma coisa assim que veio de dentro.”

5. A geração dos netos: “um salto fantástico!”

1. Uma absoluta franqueza: “Ela me chama ‘Pedro Bó’.”
2. “Passa direto, fura o céu e se perde.” Aos cinco anos, o problema da gravidade.
3. A capacidade de dialogar com eles, adolescentes: “O menino que eu fui e o que eu não pude ser.”

SEGUNDA PARTE: OLHAR DE DENTRO

6. O risco de publicar

1. “A pressão era fortíssima. Proibiram importar o livro, e em qualquer língua.”
2. “Não tinha censura. O que tinha era o sujeito apreender o livro.”
3. Engenheiro que faz editora, partido que cabia numa Kombi, e os três Fernandos.
4. Confusão tremenda, “partido de ladrões”, o velho Ermírio e Arraes, “um sujeito sério”.
5. Paulo Freire? “Eu não era tão engajado.” Fernando Henrique e o PT: “um caso sério.”
6. A promessa de Jango a Kennedy e “uma espécie de Fernando Bom Senso”.
7. “Se continuar nessa linha, o país vai ser uma Índia!” Mas “e o Lula?”.
8. A educação no Brasil hoje? Caça-níqueis, “uma vergonha!”.
9. Milhões de analfabetos, um crime hediondo e o livro que mais vende

ANEXOS

- I. Recife Sempre
- II. A pedagogia do chinelo

Primeira parte

OLHAR DE FORA

FORA DA PRÓPRIA LÍNGUA: RECRIAR SEM DISTORCER

1. UM PRIMEIRO PROBLEMA, IDEOLÓGICO: “O LEITOR NEM SEMPRE LÊ O QUE SE ESCREVEU.”

SÉRGIO: Eu queria perguntar uma coisa, já que a gente esteve conversando antes sobre o problema da língua: você tem a impressão de estar sendo bem traduzido, isto é, de estar sendo entendido fora da própria língua?¹

PAULO: Ah, sim. Essa eu acho que é uma pergunta realmente importante. Eu tenho a impressão, Sérgio, de que dificilmente qualquer um de nós que escreva um artigo, dois artigos, um ensaio, um livrinho... Eu não sei se estenderia o que vou dizer ao teu campo, por exemplo, da literatura.² Mas no campo do ensaio, da análise política, sociológica, cultural, pedagógica etc., eu tenho impressão que dificilmente qualquer um de nós é totalmente entendido, inclusive na sua própria língua.

Esse é um primeiro aspecto que eu gostaria de, inclusive, não te afirmar, mas trocar ideias contigo; o que é que tu achas também dessa consideração que eu faço agora? Porque estou convencido, Sérgio, de que há um primeiro problema que é ideológico: o de que o leitor nem sempre lê o que se escreveu, mas lê o que ele gostaria que tivesse sido escrito. *(ri)*

Esse fenômeno, que é ideológico, não tem que ver apenas com a tradução. Com o problema da tradução tu já vais um pouco mais além disso, mas inclusive daquele tipo de leitor que pertence à tua própria família linguística. Nesse sentido, muitos brasileiros e portugueses, que leem meus trabalhos, podem ter — necessariamente terão — uma leitura especial do meu trabalho. Esse é o primeiro aspecto.

Agora o segundo, que tem que ver com esse, é o trabalho difícilíssimo de traduzir, realmente. Olha, se ler um texto é reescrevê-lo, é recriá-lo, traduzi-lo é mais ainda, porque, no esforço de tradução, o tradutor, de um lado, refaz o texto que ele leu enquanto leitor, e, de outro, ele aumenta o refazer desse texto enquanto reescreve, porque o traduz.

Esse é um dos grandes problemas do tradutor: até que ponto ele vive, ele experimenta essa dialética entre recriar e, ao mesmo tempo, não distorcer o pensamento que ele está recriando. É um negócio difícil: você acrescenta algo que, contudo, não distorce o núcleo central do pensamento de quem primeiro escreveu.

2. “EM LUGAR DE ‘CAPITALISTA’, ELAS PUSERAM ‘TRABALHADOR’!”

SÉRGIO: Mas você, em geral, está satisfeito com as suas traduções?

PAULO: Aí é que vou te falar: evidentemente que há minhas limitações linguísticas. Minhas possibilidades de ler em línguas estrangeiras realmente são muito pequenas. Eu leio muito bem espanhol, claro. Leio menos bem, mas bem também, francês. E leio inglês. Fora disso, acabou-se. Nem italiano, rapaz!, você já pensou? É uma coisa incrível: eu só leio italiano quando é o meu livro (*riem*), o que eu escrevi. Então eu digo: “Ah, é isso?” Eu acompanho o livro.

Esse problema, Sérgio, é terrível, porque, por exemplo, eu não gosto das traduções que fizeram de mim até anteontem, em espanhol. Há umas que considero realmente péssimas, em que não me encontro. A *Pedagogia do oprimido* eu acho que está boa em espanhol, as outras, não. Mas agora, com as *Cartas à Guiné-Bissau*, eu tive uma experiência muito interessante em língua

espanhola, numa tradução do México. Por sinal, o livro saiu em novembro e somente agora, vinte dias passados, recebi um exemplar, porque um amigo meu brasileiro comprou e me mandou, com uma dedicatória! Você imagina: até hoje a casa editora não mandou uma cópia, rapaz, ao autor, desde novembro!

Então, eu comecei a ler. De modo geral, quando recebo um livro meu em uma língua que eu leio, eu me sento no meu quartinho de estudo e leio o livro todinho de novo, tomando nota dos erros que vou encontrando. E fiz isso com essa edição espanhola do México. Então, observei o seguinte: esse cara que me traduziu reescreveu realmente, mas não me traiu o pensamento. Mas há certos torneios, por exemplo, que ele deu na tradução e que literalmente eu não tinha dado, eu não tinha feito no português, no original.

SÉRGIO: De uma certa maneira, você acha que ele te melhorou, até?

PAULO: Ah!, exato. Do ponto de vista da língua, quando li em espanhol, gostei e disse: “Bem, eu poderia até ter feito o mesmo na língua portuguesa.” Eram torneios que o português suportaria também, mas que eu não tinha feito, porque não eram absolutamente indispensáveis, mas que, possivelmente para ele, na língua dele, eram. Aí entra também um pouco do gosto do tradutor, do gosto literário. Eu não poderia te dar um exemplo aqui e agora, mas houve vários casos assim, de uma palavra ou duas que eu não tinha escrito, e que ele introduziu. De um ponto em lugar de uma vírgula, ou ponto e vírgula; coisas assim, mas que não atrapalhavam.

Apenas houve dois erros que eu considereei terríveis. Um deles, então, é péssimo, que pode ter sido erro não do tradutor, mas um equívoco qualquer na hora de imprimir o livro. É numa afirmação minha em que, em lugar de “capitalista”, eles puseram “trabalhador”. Quer dizer, muda completamente o sentido da coisa. Parece até que eu estou defendendo os capitalistas! (*Sérgio ri*) Eu já escrevi uma carta para o cara da editora, dizendo a maneira estranha como recebi o exemplar do livro — como presente —, elogiando o trabalho do tradutor, mas chamando a atenção para esses dois erros que eu encontrei.

Agora, quanto aos livros traduzidos ao inglês, como, por exemplo, a *Pedagogia do oprimido*, gosto imensamente da tradução. Eu me sinto nela, eu me descubro nela. Os ingleses não gostam, porque dizem que a tradução ficou muito americana. Claro, foi feita por uma americana, e esse é o problema deles, dos

ingleses. Para mim, com o meu limitado domínio da língua inglesa, eu me encontro bem.

Por outro lado, encontrar erros num livro norte-americano não é muito fácil. É claro, os caras têm uma infraestrutura respeitável: uma editora normal, nos Estados Unidos, dispõe de uma equipe de revisores que trabalha com muito cuidado. De maneira que eles fazem revisão a todo instante. Por exemplo, na *Pedagogia do oprimido*, edição norte-americana — que é igual à inglesa —, tenho impressão, se não me falha a memória, de que há dois erros. Um é uma palavra “with” sem “i”, em que apareceu “wth”, mas que todo leitor sabe que é “with”; e outro é um errinho ortográfico numa citação que eu fiz em francês. É uma palavra em francês que está escrita com um errinho ortográfico, mas que qualquer leitor percebe. O resto, não, não falta uma palavra.

A edição de *Cartas à Guiné-Bissau* brasileira saiu sem uma página! (ri) Engoliu-se uma página inteira! Em certo momento você fica perdido, porque não pode acompanhar: sumiu uma página inteira do livro! Fora isso, o livro saiu bem. Agora, a edição italiana eu consegui ler porque fui eu que escrevi. Não sei, eu não tenho autoridade nenhuma, mas a impressão que eu tenho — todo mundo tem dito — é que a tradução italiana é muito bem-feita. É feita por uma moça italiana que viveu muito tempo no Brasil e tem o domínio, e inclusive tem estudos linguísticos e tudo. É a única edição que tem uma espécie de glossário de conceitos, de palavras que eu uso, explicando. E ela escreve muito bem! A introdução que fez, por exemplo, é muito bem-feita, muito bonita. Eu conheço porque ela leu para mim em português.

Agora, quanto ao francês, vários amigos meus têm feito críticas à tradução da *Pedagogia do oprimido*. Por exemplo, certas expressões que não são exatamente o que eram.

Eu recebi recentemente uma cópia do prefácio ao *Cartas à Guiné-Bissau*, edição norte-americana, em que o prefaciador diz que possivelmente esse é o livro que teve a melhor tradução, do ponto de vista da língua inglesa. É meio difícil que ele possa dizer isso. Ele poderia ter dito que é o livro que mais lhe agradou do ponto de vista do inglês, porque ele não lê português. A pessoa que traduziu também morou muito tempo no Brasil. Das outras línguas eu não sei.

3. SEMINÁRIOS, O ÚNICO TERMÔMETRO. E “A TRADUÇÃO DA TRADUÇÃO DA TRADUÇÃO”.

SÉRGIO: Em que língua você “escreve” e que não sabe ler? Ou seja: em que línguas que você foi traduzido e não conseguiria ler?

PAULO: Ah, sim. Poxa, rapaz, é a grande maioria, a maioria esmagadora!

SÉRGIO: Você tem uma ideia de quantos países o editaram, e em quantas línguas?

PAULO: Tenho. A *Pedagogia do oprimido*, por exemplo, estará este ano saindo na décima quarta língua, que é exatamente o japonês. Ela saiu até hoje em português, claro, espanhol — começando pelas línguas latinas —, francês, italiano, inglês, alemão, holandês, sueco, dinamarquês, norueguês; portanto cobre toda essa Europa do lado de cá. Em grego também; num país aí da Ásia que eu esqueci o nome agora, numa das línguas da Índia, e no momento em japonês. Ao todo são umas quatorze línguas. Ora, dessas todas eu só posso ler mesmo em francês, espanhol e inglês. Das demais eu não tenho nenhuma noção. O único termômetro que eu tenho com relação às traduções são seminários que eu às vezes tenho nesses países: na Alemanha, por exemplo, ou na Suécia. Eles leram nas suas línguas...

SÉRGIO: Você analisa então muito mais a leitura do que propriamente o texto.

PAULO: Exato. Quando eles falam comigo, por exemplo, em inglês, sobre o que eles leram em cada uma de suas línguas, então eu posso ter uma ideia de como o meu pensamento foi traduzido. Eu já estou tendo aí a tradução da tradução da tradução! O sujeito traduziu do inglês para o sueco — o inglês já traduzido do português —, e depois o sujeito sueco fala a mim em inglês, devolve em inglês o que ele leu em sueco. Quase sempre há uma coincidência. Mas deve haver realmente muitos probleminhas de tradução.

SÉRGIO: Mas, no geral, você está satisfeito com as traduções.

PAULO: É. No geral, até onde eu tenho um conhecimento mais direto, quando eu posso ler a língua, ou indireto, quando eu discuto, eu acho que está indo mais ou menos bem.

Notas

1 Não me lembro do dia, mas as fotos que tirei do Paulo durante esse nosso encontro, em Genebra, na sede do Conselho Mundial das Igrejas, trazem no verso a data de 24 de março de 1978. Como na época a tecnologia não nos permitia revelação instantânea, essa conversa nossa deve ter acontecido uma semana antes, por aí... *(Esta, as demais notas de rodapé e os acréscimos entre colchetes ao longo do texto são do Sérgio.)*

2 Na época, eu estava lecionando duas matérias nessa área: “história da literatura brasileira” e “literatura brasileira: estudo de autor”, na Universidade Lyon II, em Lyon, França.

VISÕES DO EXÍLIO E VOLTA PARA CASA

1. CRISE DA EDUCAÇÃO? “NÃO HÁ.” EXÍLIO: “VOU VER SE FAÇO UM LIVRO LEVE.”

SÉRGIO: À luz de todos os trabalhos que você tem desenvolvido desde que teve que sair para o exílio, como você encara agora todo o seu trabalho que foi feito no Brasil?

PAULO: Ah, é! Essa é outra pergunta... Imagina só a coincidência! Ontem eu fui visitado aqui por esse pedagogo norte-americano, Coombs,³ que escreveu dez anos atrás um livro que provocou um grande impacto, *A crise mundial da educação*, que para mim não há. Eu até conversei com ele sobre isso. (*Sérgio ri*) Para mim não há uma crise da educação. Há uma crise do sistema. Há uma crise dos sistemas. Não é a educação em si que entra em crise. Ela reflete uma crise.

Mas, interessante: ele veio cá conversar muito comigo, e dizendo que, depois desses dez anos que saiu o seu livro, ele observou que realmente houve uma série de mudanças no mundo todo, na maneira de visualizar a educação, e isso e aquilo outro. Ele disse:

— Bem, exatamente nesse período você aparece em nível mundial, com uma série de proposições e de análises críticas. Eu tenho percorrido o mundo [por causa desse projeto novo em que ele está metido] e não houve lugar ainda, em qualquer lugar do mundo onde eu vou, em que eu não encontre a marca tua. Tu

passaste por lá mesmo que tu não saibas. Por isso eu vim cá hoje, porque estou com um novo projeto agora [que me pareceu fascinante].

É (ideia dele) escrever e editar um livro, em que ele escreve possivelmente a introdução, e está convidando uma meia dúzia de gente que encheu um certo espaço nesses dez anos, pedindo isto que tu me perguntaste agora.⁴ A pergunta que ele me fez, para ver se eu escrevo, é: como, nestes dez anos que vivi no exílio, com essa visão maior que eu ganhei do mundo pelas visitas que fiz a vários lugares e o trabalho na África, como eu vejo agora o passado. Como eu retomo alguns temas, de que eu comecei a falar há mais de dez anos. É a tua pergunta.

E, por coincidência, na semana passada eu conversei com Elza, e disse: “Minha filha, eu vou começar a escrever este ano um outro livro, que vai em parte aproveitar um que eu comecei e nunca terminei”, e que vai ser o seguinte: como é que eu vejo hoje isto que tu colocaste? Eu disse até a ela: “Não vai ser um livro de memórias, esse não é o meu estilo. Eu não vou fazer um livro sobre o meu exílio, mas necessariamente falarei dele, porque as experiências que se deram foram dentro desse espaço, desse tempo do exílio.”⁵

Mas eu vou ver sobretudo se faço um livro leve, mais ou menos ameno, em que eu ora falo de anedotas do exílio, ora retomo certos aspectos da minha prática de ontem e da minha prática de hoje, para ver as implicações no campo da teoria. É exatamente isso que tu me propões agora, que tu me perguntas.

Ora, uma coisa eu te posso dizer, Sérgio: eu não sei se serei capaz — tão oral como sou — de pôr no papel algumas das reflexões que sobretudo essa prática africana me tem dado. No sentido de superar, mas não de anular — porque há uma diferença entre superar e anular — coisas anteriores. De superar, de ir mais longe e de, sobretudo, ver certas coisas, que eu antes vi num certo prisma, como elas se dão num horizonte maior. No momento, inclusive, eu não seria capaz de te indicar duas ou três, mas que há muitas, há. Noutra conversa eu posso te dizer, na medida em que eu avance e que eu comece a escrever o tal livro e o texto que o Coombs pediu. Eu gostaria que tu estivesses ainda na Europa, porque a gente poderia até discutir. Mas não sei se vai dar tempo.⁶

2. INGENUIDADES? “EU ACEITO A CRÍTICA. MAS EU NÃO MORRI, DEPOIS DAQUELE LIVRO.”

SÉRGIO: E em que você acha que foi ingênuo, no seu trabalho no Brasil?

PAULO: Eu disse isso num texto que escrevi aqui [no Conselho Mundial das Igrejas], há quatro anos, num seminário que eu tive com Ivan Illich. Porque isso que eu vou te dizer estava quase explícito no meu primeiro livro — e como não estava explícito, estava implícito — e que era uma ingenuidade: a ingenuidade de pensar que a conscientização de uma dada realidade opressiva significasse a superação dessa realidade. Quer dizer, isso era já realmente cair numa postura idealista!

Eu diria hoje que, como eu disse nesse texto, o que estava ingênuo na minha parte não era pensar... (*Paulo, olhando para o gravador*) Esse negócio está parado, não?

SÉRGIO: Está não, está funcionando.

PAULO: ...que a minha ingenuidade não estava em pensar que o conhecimento crítico, a percepção da *raison d'être* da realidade opressora não era necessária. A ingenuidade estava em não estabelecer — pelo menos mais explicitamente do que eu fiz — a relação dialética entre a transformação dessa realidade e a percepção crítica dela. Esse é um aspecto que deu margem, inclusive, a muita gente me ler diferentemente das minhas intenções.

Na verdade, mesmo nessa etapa da ingenuidade, a minha intenção era outra. Não fui capaz de explicitar melhor o que eu queria. Mas não quero me defender com isso. Eu aceito a crítica que me fazem de idealista nessa época. O que eu acho às vezes, Sérgio, injusto com relação a mim é que, ao criticar-me, não acompanhem o meu andar, a minha caminhada. Se eu tivesse morrido só com aquele primeiro livro, ok. Mas não morri, depois daquele livro. Então eu marchei, e é preciso ver as superações que eu mesmo venho tentando fazer de mim, sem pensar jamais que vou chegar a um máximo de criticidade.

Mas essa daí é uma. Outra ingenuidade que estava ligada a essa, por exemplo: se você abre o *Educação como prática da liberdade*, não encontra nenhuma referência mais contundente à natureza política da educação. Eu não fiz isso. E

por isso mesmo, então, não há nenhuma referência, por exemplo, ao problema das classes sociais, no primeiro livro. Eu falo então numa democracia, que fica uma coisa vaguíssima, e que necessariamente deu margem a que muita gente, inclusive, me recuperasse ou tentasse me recuperar para uma postura, quando muito, reformista.

Mas na *Pedagogia do oprimido* — isso é o que também me impressiona — eu coloco o problema das classes sociais. Eu falo 35 vezes em classes sociais! (*Sérgio ri*) Uma vez fui contar para saber, porque eu li umas críticas dizendo que eu jamais falei. Aí eu fui contar e vi. O *approach* é outro já, completamente outro, eminentemente político. Também possivelmente com uma série de ambiguidades, ok, mas a partir daí eu acho que essa coisa fica clara nas coisas que eu escrevo. De maneira que, ainda hoje, quando me criticam, me apresentando nessa dualidade, eu não entendo muito bem. Mas reconheço que, na base, sim.

E aí se dirá: e por que é que tu deixas que o livro continue se reeditando? Exatamente para que os leitores acompanhem as minhas ingenuidades. Eu nunca modifiquei o livro em si mesmo. Vou modificando nos outros que eu vou escrevendo. Então, que o leitor faça esse acompanhamento.

3. MARX: SE ELE HOJE BAIXASSE POR AQUI, EU ACHO QUE ELE MORRIA DE NOVO

SÉRGIO: Você acredita que caminha em direção a uma teoria, a uma reflexão marxista da educação?

PAULO: Eu não tenho dúvida nenhuma de que, em todos os meus mais recentes trabalhos, há indiscutivelmente uma presença marxista. Agora, um dia um americano me fez essa pergunta também, numa entrevista. E eu disse:

— Olha, quando eu fico assim até um pouco em silêncio com relação à tua pergunta, não é porque eu tema Marx. O que eu temo é querer dar a impressão de que eu sou um marxista, no sentido de um indiscutível conhecedor de Marx.

É esta a minha humildade. Mas tanto quanto posso, eu tenho que fazer uma interpretação, uma análise marxista do contexto para poder compreender a educação. Eu te confesso: acho que fora de um instrumental marxista, que deve

ser contudo tratado em termos como acho que Marx gostaria, com espírito crítico, e não com espírito de carneiro... Quer dizer: eu não me ponho diante de Marx como se estivesse diante de um deus! Marx mesmo não gostava disso. Eu me lembro de uma carta dele em que ele dizia: “A única coisa que eu sei é que não sou marxista.” Se ele hoje baixasse por aqui, se fosse possível isso, eu acho que ele morria de novo, quando ele ouvisse certos marxistas que a gente conhece. São marxistas que transformam Marx naquilo em que Marx jamais poderia ser transformado: em pílulas, para ser engolido. Há certos marxistas que fazem o impossível: enjaulam o pensamento de Marx, que foi profundamente dinâmico, dialético, inquieto e, por isso mesmo, não poderia estar metido dentro de uma gaiola.

Nesse sentido, acho que não há como escapar de uma análise marxista para a compreensão do fenômeno educativo. E é por isso mesmo que eu hoje, por exemplo, nem sequer falo em aspecto político da educação. Em textos meus até não muito antigos, eu cheguei a fazer uma afirmação que eu considero hoje ingênua, e que foi a seguinte: “Não é possível negar o aspecto político da educação.” Era ainda ingênuo isso. Eu hoje digo, radicalmente: a educação é, em si, política.

Se eu pudesse agora usar uma expressão mais ao gosto de uma reflexão filosófica — e até aparentemente metafísica abstrata —, eu diria: é a essência do ser da educação, a política. Então, se ela é, eu não posso falar de um aspecto político da educação.

Até essa afirmação, que já foi muito mais séria, mais profunda e mais crítica do que tudo o que eu tinha dito no meu primeiro livro, já é hoje, para mim, ingênua também. E eu a fiz três, quatro anos atrás. Hoje eu já não falo em aspecto político, falo em educação já como política.⁷ Então eu acho que são essas coisas que a prática te ensina.

Daí, com Marx, eu acreditar realmente na *práxis* como fonte de conhecimento. Porque isso não aprendi de Marx mesmo, não; como Marx não aprendeu dele próprio. Aprendeu foi da realidade. Então, na medida em que você se submete a uma prática assim, você constata o que Marx constatou.

4. A EDUCAÇÃO E OS NÍVEIS DE LUTA NO BRASIL: TRABALHO COM AS MASSAS, “JAMAIS SOBRE ELAS”.

SÉRGIO: Essa visão da realidade que você tem alguns anos depois, uma visão construída no exílio, leva você a ver de que maneira o problema da educação de adultos, o problema da conscientização, enfim, o problema político no Brasil hoje? Isso para encadear uma pergunta sobre a esperança que você tem de poder voltar logo para casa. (*ri*)

PAULO: Olha, Sérgio, eu te diria: a educação de adultos, enquanto uma educação assistemática, mas referida à educação sistemática enquanto educação popular, como a outra educação também — a sistemática —, ela tem que ver primeiro com o estágio de desenvolvimento das forças produtivas de uma certa sociedade.

Uma vez mais estamos em Marx. Eu ontem dizia ao Coombs aqui, citando Marx: “Eu não tenho por que errar, porque Marx acertou.” Isso foi uma velha afirmação de padre Lages no Brasil, em 1961, que criou um escândalo! Ora, de um lado isso: qual é o estágio de desenvolvimento das forças produtivas de uma dada sociedade? O que vai explicar também o nível da prática social que se dá numa sociedade. Prática social tem a ver, de um lado, com a luta pela produção para a própria sobrevivência da espécie; que tem a ver com os conflitos de grupos ou de classes sociais, e com a produtividade criadora, com o nível de criatividade científica ou pré-científica em que está uma dada sociedade, uma dada comunidade.

De outro lado, a educação de adultos — tendo a ver com esse desenvolvimento das forças produtivas e, portanto, com a prática social — tem a ver com os níveis em que se dá essa prática social: os níveis de produção, os níveis de luta e os níveis de criatividade da sociedade. Isso eu não disse dez anos atrás. Evidentemente que isso foi dito há cem anos, mas eu não tinha chegado lá! Eu até gosto que eu não tivesse chegado através do livro apenas, porque muita gente no Brasil, quando eu escrevo o *Educação como prática da liberdade*, teria escrito diferentemente. Teria falado possivelmente nisso já, mas não teria

aprendido isso da prática, da sua prática. E eu estou dizendo hoje porque aprendi da minha prática, confirmada pela prática de Marx e de outros.

Ora, qualquer projeto de educação popular no Brasil hoje, seja ele do governo — se for do governo, ele tem que estar ligado a isso, em função da defesa dos interesses político-ideológicos de quem tem o poder —, seja um projeto que parta não do governo, mas de um grupo outro, tem a ver com isso, com relação a saber como pode superar o atual estado de coisas no Brasil. Qualquer deles, então, não pode perder, como ponto de referência, esse contexto de prática social.

Evidentemente que daqui eu não poderia te dizer que projeto eu poderia ter no Brasil, nesse setor, por mais que eu aqui esteja conhecendo o que está se dando lá. Mas qualquer que seja, um projetinho de educação de adultos tem a ver com isso, ao nível mais local, ao nível regional e ao nível nacional. Ele não pode escapar a uma coincidência, sob pena de ele ser um projeto superposto e, portanto, não obter resposta da massa popular. Isso implica, então, um trabalho com elas, com as massas populares, não para elas, e jamais sobre elas. Essa afirmação eu fiz no primeiro livro e continuo fazendo hoje. Essa daí, a prática minha insiste que eu devo continuar fazendo essa afirmação: a de que, em última análise — como eu disse na *Pedagogia do oprimido* —, a revolução não pode ser feita para as massas, mas com elas, e jamais sobre elas. Uma revolução sobre as massas é reacionarismo, é golpe de Estado, não é revolução.

Eu não sei se a minha resposta é demasiado teórica, mas ela não poderia deixar de ser. Você vê, por exemplo, e esse é o problema que se tem na América Latina: que projetos de educação de adultos hoje, por parte de grupos que não são do Estado, podem ser postos em prática? Eles têm a ver com o nível de repressão. Para serem realistas, eles têm que estar em função desse nível. Por outro lado, o nível de repressão de uma dada sociedade tem a ver com os níveis de luta de classe que essa sociedade tem, e com o balanço de forças.

O nível de repressão, de violência do poder, não depende, como certa gente pensa, de uma maior ou menor *finesse* daqueles que têm poder. Não depende se este ou aquele exército foi capacitado na França ou na Alemanha, como se disse em Paris depois do golpe de Estado no Chile: que a violência maior de Pinochet

era devida a que o exército chileno foi muito influenciado pelo alemão, e o brasileiro, pelos franceses.

Não, não. Não tem nada a ver com isso! (*riem*) Não há isso, sabe? A maior ou menor repressão de um golpe de Estado está ligada ao nível da luta de classes que provocou o golpe. Isso é que é. E a existência ou não existência de golpe de Estado, menos facilmente em certas sociedades do que em outras, depende exatamente também desses níveis de confrontação das classes sociais. Não é tão fácil dar um golpe de Estado na França quanto é no Chile. O que não significa que não possa um dia haver. A Europa já tem tido os seus. Mas há esses níveis, que implicam num balanço de poder, de forças etc. De maneira que não vai depender então da maior claridade pedagógica, dos conhecimentos técnicos de um educador na América Latina hispânica ou no Brasil, de fazer um bom ou relativamente mau programa de educação de adultos, mas tem a ver sobretudo com como se relacionar, como responder a esse dado concreto: quais são os níveis?

5. POLÍTICO, SIM. MAS “EU SERIA UM PÉSSIMO MINISTRO, DE QUALQUER COISA, INCLUSIVE DA EDUCAÇÃO”.

SÉRGIO: Isso significa, concretamente, que você volta para o Brasil fundamentalmente como homem político, certo?

PAULO: Essa é outra pergunta muito boa tua! Evidentemente, Sérgio, como educador eu jamais deixei de ser um homem político. Há uma diferença, contudo, hoje; diferença que vem — e você, como um cara muito inteligente, percebeu; a sua pergunta agora foi feita não com maldade, mas muito inteligentemente — à base de uma afirmação minha anterior. Quer dizer: quando eu primeiro falei do meu silêncio no aspecto político da educação no primeiro livro; segundo, uma afirmação de três, quatro anos atrás, quando eu falava em aspectos políticos da educação; e hoje, quando digo, não, isso também era ingênuo: não há um aspecto, há a natureza, em si, política da educação.

Então, o educador é um político. No *Cartas à Guiné-Bissau* eu digo que o educador é um político e um artista, jamais um técnico. A consciência “de ser um político enquanto um pedagogo” se me fez claríssima no exílio. O que não significa, porém, que haja a mesma coincidência entre ser político e pertencer a um certo partido. Mas, por outro lado, o ser político, enquanto ser pedagogo, implica também o reconhecimento da impossibilidade de ser politicamente livre atirador, porque, aí, é impossível.

SÉRGIO: Você pensa então diretamente num compromisso com forças políticas que estiverem atuando.

PAULO: É evidente, sem que contudo isso significasse que eu me achasse à vontade, por exemplo, enquanto político, disputando um cargo eletivo. Eu tenho um profundo respeito pelo povo, e acho uma coisa formidável que o sujeito seja eleito. Agora, a questão é que você não é político apenas na medida em que você é eleito, em que você é candidato disso ou daquilo, e que se elege ou não se elege. Isso daí então vai ter muito a ver — não individualistamente — mas com certa vocação — tomando vocação não no sentido metafísico, mas com um certo gosto de fazer.

Eu me sinto muito mais à vontade enquanto político pedagogo do que enquanto pedagogo político num Parlamento. Essa dimensão eu acho que não vou ter, não. Eu vou morrer sem pretender isso. Não por desprezo, não, de maneira nenhuma, mas por falta de habilidade (*ri*), por falta de capacidade. Como, por exemplo, eu seria um péssimo ministro, de qualquer coisa, inclusive da Educação.⁸ (*Sérgio ri*) Nunca tive sonhos disso. Engraçado, sonhei — quando era menino — ser professor de ginásio! E fui, e achei uma beleza, adorei isso! Fui professor universitário, sou professor, disso daí eu gosto enormemente. Mas nunca tive o sonho de ser diretor de coisa nenhuma, engraçado isso. Não porque eu renuncie ao poder, porque só com o poder tu mudas, só com o poder tu transformas. Mas você tem diferentes maneiras de participar do poder, desde que você sirva a objetivos que vão mais além dos seus interesses pessoais.

Nesse sentido — eu não sei se estou claríssimo na minha resposta a ti —, eu não tenho nenhum sonho, nem ia ser candidato a coisa nenhuma no Brasil, mas gostaria — isso não tenho porque te negar — de poder participar um pouco mais, através de uma contribuição, por menor que fosse ela, numa perspectiva

que tu sabes, dentro do meu país. Nesses quatorze anos de exílio, eu jamais me senti ausente do meu país. Mas obviamente que eu não estou lá.

6. RETORNO AO BRASIL: “ATÉ DOIS ANOS ATRÁS, EU NÃO VIA ESSA POSSIBILIDADE. HOJE EU VEJO.”

SÉRGIO: E quando é que você acha que vai poder tirar esse verbo do condicional, esse “gostaria”?

PAULO: Isso é outra coisa que não depende de um ato voluntário da minha parte. Voluntarismo também aí não funciona. Por exemplo, há dois anos, se você me tivesse feito essa pergunta, eu lhe teria dito, numa resposta muito simples e curta: “Olha, não há coincidência entre o meu limite existencial e o limite histórico para o meu retorno. O limite histórico é mais prolongado que o existencial.”

Hoje, não. Hoje eu acho que há uma coincidência, a não ser que eu morra de enfarte do miocárdio, ou de desastre (*Sérgio ri*) ou tenha um câncer que me mate em quatro meses. Aí não dá. Mas considerando que eu estou bem — o *check-up* diz que eu ando bem —, normalmente, como perspectiva, eu creio que vai haver possibilidade de um retorno ao Brasil, sem idealismos, sem sonhos mirabolantes. Não porque eu pense que vai haver modificações profundas no Brasil, mas porque acho que — e os fatos estão indicando — é possível haver, que começou a haver realmente uma certa ampliação do que a gente poderia chamar “o espaço político brasileiro”.

É possível que esse espaço político, num primeiro momento, permita uma visita minha ao Brasil. E eu estou disposto a aproveitar o que o espaço ofereça. Se o espaço político oferece uma visita, não há por que não visitar.

SÉRGIO: Mas, por enquanto, existe alguma proibição formal de que você visite o país?

PAULO: Não, não há. Eu tenho impressão, por exemplo, de que, com exceção dos chamados banidos, que constituem uma aberração jurídica, o governo brasileiro jamais decretou que ninguém pudesse voltar, por escrito. Mas alguns

brasileiros quiseram voltar alguns anos atrás e receberam uma sugestão de que era melhor não voltar. Eu nunca pedi para voltar. Simplesmente pedi o passaporte. O ministro da Justiça disse recentemente que só os que nunca quiseram receber não tiveram. Isso é conversa do ministro. É que ele está mal assessorado. Nesses quatorze anos eu pedi três vezes, e três vezes me foi negado o passaporte. Ok, não faz mal, eu estou andando sem passaporte brasileiro. Não é isso que me proíbe andar pelo mundo afora, dizendo a todo mundo que sou brasileiro, e que não tenho passaporte...

SÉRGIO: Mas tem teus livros.

PAULO: Exato. Esses são meus passaportes brasileiros. Eu, por exemplo, tenho a impressão de que se eu hoje fosse ao consulado brasileiro e dissesse: “Eu quero um passaporte brasileiro para voltar”, o cônsul teria que fazer uma consulta e diria: “Ok, um passaporte só de vinda.” E eu chegaria ao Brasil, seria ouvido diretamente, e poderia sair do aeroporto, como outros brasileiros, diretamente do aeroporto para o DOPS. Iria ter uma conversa de dez horas, de vinte horas, não sei quantas horas, para explicar, na minha conversa, esses quatorze anos de exílio. Possivelmente me fariam outras perguntas sobre gente etc. Depois disso, eu não acredito que me fossem manter preso, que me fossem torturar, nada disso. Politicamente seria mal para o governo. A repercussão internacional seria má, não haveria por que fazer isso.

Mas ocorre que eu ficaria lá para fazer o quê, hoje? Não teria condições possivelmente ainda de trabalhar. Então, entre fazer isso — um retorno pelo retorno, uma volta pela volta — e ficar mobilizado, e trabalhar hoje tão livremente, tão gostosamente com a África, com esses países que me recebem, que me aceitam, sem que isso signifique que eu esteja esquecendo o meu país, o meu povo. É melhor trabalhar pelo Brasil na África do que ficar no Brasil e não trabalhar com a África. Mas é possível que dentro de mais um tempo — um ano, dois — é possível, eu não afirmo isso com ingenuidade, nem tampouco blazonando, é possível que eu tenha condições de voltar ao Brasil e ficar lá, inclusive, e fazer um mínimo de trabalho ao ar livre, e não de trabalho subterrâneo. Um trabalho como outros brasileiros fazem, de dar seminários numa universidade qualquer, não federal, mas numa universidade católica, por exemplo, e continuar o meu trabalho com a África.

É possível que haja isso. E não te afirmo que isso possa se dar dentro de dois anos, mas há possibilidade. Até dois anos atrás, eu não via a possibilidade, hoje eu vejo. E apenas eu espero, apenas aguardo, sem angústias nem excitações, nem alimentando sonhos inviáveis, mas aguardo.

7. MAIS BRASILEIRO E UNIVERSAL A PARTIR DO LOCAL, “UMA DAS BOAS DESCOBERTAS QUE O EXÍLIO ME DEU”.

SÉRGIO: Esses quatorze anos de exílio te fizeram ver o quê? Não com relação ao Brasil, mas com relação à tua visão do mundo. A famosa “visão do mundo” de que você teve concretamente a possibilidade de ter. Está muito geral a pergunta?

PAULO: Está. Concretiza mais.

SÉRGIO: O que é que te faz gostar mais ou menos do Brasil, do que você era lá? O que é que te distingue como brasileiro hoje e o que é que te identifica, com relação ao mundo que você conheceu fora?

PAULO: Olha, é engraçado, esses quatorze anos fora do Brasil, nas condições especiais que eu tive, com a possibilidade de trabalho, de continuar fazendo o que fiz lá, e de aprofundar, de me provar em diferentes contextos, isso tudo me ensinou a ser mais brasileiro. Mas, agora, não a ser exclusivamente brasileiro.

É interessante, porque se eu também não tivesse tido a possibilidade de me enraizar no meu contexto brasileiro, que me deu a minha identidade, a minha maneira de ser ou de estar sendo, a minha fala, os meus gestos, o meu gosto da comida, o meu jeito de dizer sim, de dizer não; se eu não tivesse me empapado de tudo isso, se tudo isso não tivesse me marcado a mim profundamente, eu não poderia de maneira nenhuma, no exílio, ter descoberto o mundo.

Eu poderia ter tido contatos fortuitos com o mundo. Eu me sentiria, em cada pedaço do mundo, uma espécie de emplastro do pedaço do mundo. Mas, aonde quer que eu vá, Bombaim ou Nova York, Fiji ou Caribe, Jamaica, Angola ou Berlim, onde quer que eu esteja, Genebra, Frankfurt, eu trago comigo as marcas da minha cultura e da minha história, que me fazem ser eu mesmo. E eu cuido dessas marcas com um cuidado todo especial, porque são essas marcas, que eu

carrego comigo, que dão sentido à minha andarilhagem pelo mundo. Sem essas marcas, a minha andarilhagem viraria um andar sem destino, um andar sem sentido, um andar sem referência. Era quase um andar por andar.

Mas, ao mesmo tempo, é essa brasilidade nordestina que me possibilita a universalidade, sem que, com essa palavra “universalidade”, eu pretenda fazer nenhuma referência a prestígio intelectual meu. Então eu digo: essa universalidade existencial, essa capacidade de me sentir bem aonde quer que eu vá, procurando compreender o lugar onde cheguei, a nova cultura, que a gente aprendeu, que eu aprendi muito mais do que em bons livros de antropologia: que sobre cultura não se faz juízo de valor, se procura entender as diferenças que caracterizam a maneira de estar sendo das culturas.

Esse, Sérgio, talvez seja um dos bons aprendizados e uma das boas descobertas que o exílio me deu: o de que você não se universaliza a não ser a partir do local. E isso é válido para os artistas: ai do grande poeta que pense ser universal na medida em que copia um universal, que só se fez universal porque atendeu primeiro ao seu local! Ai do grande teatrólogo, do grande romancista que pense nisso! Guimarães Rosa, por exemplo, como Graciliano, são universais na medida em que são sobretudo locais, não? Foi a sua localidade, a sua regionalidade e a sua nacionalidade; foi o sim que a sua cultura lhe deu que fez com que outras culturas reconhecessem, naquele sim, uma legitimidade. Fora disso, não há. Fora disso é a alienação de quem, não sendo autenticamente, pretende parecer com o outro.

SÉRGIO: Isso quer dizer que, ironicamente, te fizeram até um serviço em te colocarem para fora? (*ri*)

PAULO: Exato! Exato. Evidentemente que seria difícil, duro que a gente dissesse isso, a não ser numa análise assim de raspão, como tu fazes agora, porque poderia parecer isso — e eu entendo você perfeitamente, quando você diz isso —, mas se a gente passasse a assumir esta nota de pé de página e tentasse uma teoria desta nota, cairia no elitismo.

SÉRGIO: Claro! Seria injustificável.

PAULO: Mas, como pé de página, isso até funciona! (*ri*), porque no fundo isso proporcionou... Puxa, é tão óbvio isso, que era como se o sujeito dissesse: “Mas, Paulo, era preciso o exílio para tu descobrires isso?!” Claro, é o que eu sempre

costumo dizer: diante do óbvio, nós temos que assumir a posição de quem procura rompê-lo, para olhá-lo de dentro, e, ao fazer isso, quase sempre descobrimos que o óbvio não é tão óbvio quanto se pensa. Por isso é que eu me classifico, me defino sempre como um andarilho da obviedade, um andarilho do óbvio.

Um dia eu disse isso a um jornalista americano e ele não entendeu. Custou a perceber o que é que significava o “ser um andarilho da coisa óbvia”. Mas isso tem uma importância muito grande: a análise do óbvio não é uma obviedade. A gente aprende. O exílio tem os seus momentos difíceis. O exílio é um espaço sempre e um tempo que podem levar à desesperação, que podem levar ao cinismo, que podem levar à perda da identidade, e que por isso exigem de nós uma constante posição de vigilância, para que não nos percamos.

8. “OS SENHORES SÃO MALVADOS! COMO É QUE NÃO SOLTAM O MEU FILHO?”

SÉRGIO: Você acha que a tua expulsão do país correspondeu a uma atitude inteligente, consciente, da parte de quem chegou ao poder, ou resultou de um mal-entendido?

PAULO: Eu acho que havia inicialmente uma coerência. De maneira nenhuma eu vou dizer, nem jamais disse, que eu tinha sido malcompreendido. Tenho impressão que, no momento em que eu dissesse: “Não, na verdade houve um equívoco! A situação em que eu me encontrei de ter de deixar o meu país, de me exilar, foi um equívoco do novo governo, do novo poder”, no momento em que eu dissesse isso, eu contradiria o que eu fiz, e sobretudo as intenções com que fiz.

Evidentemente que muitas das coisas de que se me acusou não tinham sentido: que eu estivesse envolvido, por exemplo, no Brasil, com movimentos armados. Na verdade, eu nunca estive nisso. Naquele tempo, no Brasil, você era um menino, não se lembra possivelmente, era um tempo de uma euforia tão grande de todo mundo, de todos os grupos, com exceções de dois ou três movimentos! Naquela época, havia assim uma grande euforia do poder da palavra, uma grande crença no poder da palavra, do discurso, como se o discurso

sozinho transformasse tudo. De maneira que essas acusações não tinham sentido, nunca tiveram, e, na verdade, jamais provaram.

Mas eu tenho a impressão de que não estavam equivocados, na medida em que me reconheciam como um antagonico. Ok, felizmente que me reconheceram. Num parêntesis eu te diria: me lembro até que, numa das visitas que minha velhinha mãe — que morreu no ano passado — fez ao quartel onde eu estava preso, ela não podia entender — como mãe, e como mãe ingênua, apolítica, pensando apoliticamente, mas, na verdade, política sem saber, cristã, católica convencida, fiel realmente, uma mulher extraordinária, de bondade e tudo. E a minha velhinha, como mãe minha, tinha por mim um grande amor. Eu era o filho dela, e continuava a ser o menino de quem ela cuidou, a quem ela buscou formar, numa perspectiva cristã também. E a minha velhinha não podia compreender como é que eu estava metido numa cadeia! Porque, para ela, eu só procurava fazer o bem. Dizia: “Mas, poxa! Meu filho dedica a vida toda dele a esse negócio de educar os adultos, ensinar os adultos a ler, isso não pode ser errado!”

E um dia, na presença do capitão, ela, chorando, dizia para o capitão: “Os senhores são malvados! Como é que não soltam o meu filho?” O capitão foi cortês, não respondeu a ela, simplesmente bateu delicadamente com a mão no seu ombro. Talvez ele tenha se lembrado inclusive da mãe dele também, porque ele devia ter a minha idade na época, ou mesmo era mais moço que eu.

E eu disse à minha velhinha, eu me lembro: “Minha velha, olhe, eles estão certos! Porque o que seu filho estava fazendo, felizmente, era contra os interesses deles. Era a favor dos interesses do povo, contra quem eles estão. De maneira que, tenha paciência, seu filho vai ter que ficar uns tempos aqui. Mas um dia soltam, não se preocupe!”

SÉRGIO: E você ficou quanto tempo?

PAULO: Eu fiquei pouquíssimo! Realmente me soltaram! (*riem*) Não por causa dessa conversa. Eu fiquei 75 dias, por aí, ou 73. Bem, mas depois, na saída, eu pedi a Elza para convencer a velhinha a não voltar lá, porque era um sofrimento para ela.

SÉRGIO: Você foi bem tratado enquanto esteve preso?

PAULO: Ah, sim. Evidentemente, naquela época, no Recife, que era duríssimo, houve casos de pancada. Mas o problema da classe social funcionava naquela época. Você veja aí o problema a que eu tinha feito referência antes, aos níveis de luta de classes. Em 1964, depois do golpe, não foi generalizada a tortura a intelectuais. Houve intelectuais torturados por todo o país, mas essa não foi a constante. Naquela época, os torturados, terrivelmente mortos, foram os camponeses, foram os trabalhadores. A posição de classe funcionou, com exceções, que apenas sublinhavam a regra.

E quando é que vem superar-se, do ponto de vista da repressão, a posição de classe? É depois de 1968, quando a tortura se “democratizou”, se é que se pode dizer isso. Ela deixou de incidir só, ou preponderantemente, sobre camponeses, trabalhadores do campo e trabalhadores de fábrica, e passou a apanhar também, a envolver também os intelectuais pequeno-burgueses que se opuseram ao governo. Isto é: na medida exata em que certos níveis de luta e de confrontação cresceram, então a repressão cresceu e se generalizou.

Uma análise como essa me parece óbvia também: não é que os militares no Brasil no começo tivessem melhor coração que os de 1968, eram os mesmos. Evidentemente que tiveram quatro anos de aprendizado, de um lado, e, de outro, tiveram o desenvolvimento de uma luta. Mas, nos meus dias de cárcere, eu experimentei também, pelo menos um dia e uma noite, um tipo de cárcere que tu podes considerar como uma tortura. Afinal de contas, me meteram dentro duma cela que tinha 1,70m de comprimento por sessenta de largura, com as paredes ásperas até 1,60m de altura da cela, de cimento áspero, com uma enorme porta de ferro com grades.

De um momento para o outro, você se ver metido dentro de um apartamento como esse, a coisa não é lá muito agradável. Assistência eu tive. Dormi muito bem, inclusive, não tive problema nenhum. Tenho impressão de que seria capaz de resistir, fisicamente, e tive também solidariedade de sargentos etc., que vinham falar comigo e diziam: “Olhe, o senhor não está acostumado com isso. De vez em quando peça ao responsável aqui da guarda para ir ao banheiro, para o senhor poder andar um pouco e não ficar aí o tempo todo erguido...” Me deram umas certas sugestões.

Mas, fora isso, nunca jamais bateram em mim, nada disso. Naquela época, como eu te disse, não era comum, entre os chamados intelectuais, por menos respeito que eles tivessem por nós. Depois é que a coisa endureceu, e entraram para o porrete o intelectual e o operário. Não importava, até padre e bispo.

9. JOVENS, CARTAS, DEPOIMENTOS PESSOAIS: “SINTOMAS DE QUE AS COISAS ESTÃO MUDANDO.”

SÉRGIO: E você acha que essa sua expulsão anulou o seu trabalho, as consequências e as repercussões de seu trabalho lá?

PAULO: Eu acho que não. Há certas indicações, por exemplo: a preocupação de jovens que, inclusive, na época, quando eu deixei o Brasil, tinham quatorze, dez anos, e que não me conheciam. É toda uma geração que começa a me descobrir ao chegar à universidade — e a coincidência de que esses jovens estão chegando à universidade, de dois anos para cá, quando o espaço político também balançou um pouco mais. Então muitos professores, em diferentes universidades, já não temem sugerir a leitura minha, de meus livros, e até pedir textos sobre trabalhos meus.

Eu começo a ter o sintoma disso através de alguns sobrinhos, que também chegaram a esse nível, de universidade, e que me escrevem dizendo: “Tio Paulo... afinal de contas, eu te conhecia como tio Paulo. Papai e mamãe falam de ti, de tia Elza. Tem aqui um retrato teu, mas agora eu estou escrevendo a Paulo Freire. Eu agora descobri o Paulo Freire, e não só o tio Paulo. Eu descobri que o tio Paulo é o Paulo Freire. Eu estou lendo o teu livro, que o professor me sugeriu, e estou mesmo entusiasmado com isso...” Eles me escrevem fazendo consulta, pergunta. E ao mesmo tempo há jovens, outros jovens. Ontem mesmo me chegou esta carta aqui de dois jovens (*lê*):

“Pensando na situação em que se encontra o ensino no Brasil, tomamos a liberdade de lhe escrever. Como somos jovens, nos propusemos e nos dispusemos a aprender e buscar novos caminhos que nos permitam trabalhar

junto ao nosso povo, no sentido de conquistar uma vida mais solidária.” — Você vê que é negócio de menino, de juvenzinho.

“Nossa experiência escolar é, de modo geral, decepcionante. Aqui nossa aprendizagem é dificultada em muito devido à direção inflexível que se dá ao ensino, nos alienando de nossas vidas. Levando-nos para longe de nossos problemas concretos, tornando-nos simples servidores de um sistema neocolonialista.”

“Como tivemos oportunidade de ler dois livros seus, *Pedagogia do oprimido* e *Cartas à Guiné-Bissau*, tomamos a liberdade de sugerir a nossa participação no trabalho que vem sendo feito na Guiné-Bissau, como estudantes e estagiários, ou como trabalhadores, que para nós seria uma experiência enriquecedora, já que teríamos contato com um povo que se libertou e se reconstrói” etc. etc.

Tu sabes que eu estou recebendo muita carta assim, e depoimentos pessoais de gente que passa por aqui, da curiosidade enorme de muitos jovens no Brasil, lendo esses meus livros que se publicam lá. Evidentemente, eu não superestimo isso, de maneira nenhuma. Eu não me envaideço com isso. Pelo contrário, eu me sinto responsável diante disso. Respondo às cartas, sem ilusões, sem alimentar ilusões, mostrando a dificuldade que há de sair, de ir para a Guiné...

Por outro lado, isso não me dá assim a sensação de que as coisas todas mudaram, mas são sintomas de que as coisas estão mudando. Isso também me encoraja, na medida em que é um índice de que o que eu estou escrevendo, tenho escrito nesses anos de exílio, não está tão distante da realidade brasileira. Que é capaz de provocar um interesse vivo e uma reflexão lá.

Isso se prova através das edições dos livros, que se multiplicam, e da aceitação que há, porque senão os editores não publicavam, evidentemente. Por mais bem que quisesse a mim, o editor não publicaria um livro que não vendesse. E se vende é porque tem algo que diz, que toca, que tem a ver com a realidade de lá. De maneira que, difusamente ou não, as coisas que se tentaram fazer no Brasil há quatorze anos continuam, de forma distinta. Não será possível voltar a fazer da mesma maneira, nada disso, evidentemente, mas, em última análise, no momento em que se introduz na prática social algo que tem a ver com a prática social, não há força nenhuma que faça desaparecer, se isso tem a ver com a prática. Pode haver túneis na prática. O sujeito pode entrar num túnel, pode

hibernar, mas está lá. O problema é saber se se toca na prática social, se se está nela.

10. UM CERTO PUDOR. AMÍLCAR, ARRAES E A CONSCIÊNCIA “ASSIM BEM LÚCIDA, PARA RECONHECER OS LIMITES DA GENTE”.

SÉRGIO: Para quem está no poder, em que é que você se considera mais perigoso? Você já teve alguma vez a consciência disso, de que você representa alguma coisa de perigoso? Você, as suas ideias, o seu trabalho?

PAULO: Eu sempre evito considerar a mim mesmo como um perigo. O que eu acho é que o perigo não está na concepção. O perigo não está na explicitação da concepção. Se estivesse aí, os livros não sairiam lá. O perigo está em se pôr em prática a concepção.

SÉRGIO: Está bem, mas aí você está muito mais perigoso agora do que antes! Você está espalhando pelo mundo. (*ri*) Pela África, por exemplo, agora.

PAULO: Exato. Acontece o seguinte: é que, em primeiro lugar, eu não sou singular, nesse perigo. Nem sou o primeiro, nem vou ser o último. Eu sou um eco de uma prática social universal, que tem suas raízes locais. Eu sou uma expressão — ingênua ou crítica, boa ou má — de uma prática. No entanto, há pessoas, há homens ou mulheres, que, ademais de expressões dessa prática perigosa, são, em si, muito mais perigosos também, porque têm, por circunstâncias especiais, um carisma, e às vezes não só o carisma, mas têm a oportunidade de exercer uma liderança que se faz profundamente perigosa.

Eu jamais me ponho nesse nível, não por uma questão de falsa humildade, mas por uma questão de constatação real. E não porque eu também não admitisse que eu pudesse ser isso, se na minha prática social eu tivesse tido condições históricas de ser, coisa que jamais tive. Mas, por exemplo, seria uma maluquice da minha parte pensar, ou me comparar no exílio, por exemplo, com um homem como Miguel Arraes, ou como o Brizola, ou como o Almino Afonso — que, por sinal, está hoje no Brasil. Não, somos todos políticos, mas em níveis distintos de liderança. A minha chegada ao Brasil não se compara de maneira

nenhuma — do ponto de vista do governo — com a chegada de um Miguel Arraes. Miguel Arraes é capaz de sensibilizar as áreas que eu sensibilizo e as áreas que eu não sensibilizo. Poderia eu jamais comparar-me com Amílcar Cabral,⁹ o grande líder da Guiné-Bissau que foi morto, o grande forjador da nacionalidade guineense? Jamais!

No nível da interpretação, no nível intelectual, possivelmente eu pudesse ter excelentes diálogos com Amílcar Cabral. Não tenho dúvida de que eu teria. No nível da própria compreensão política do fenômeno, eu me sinto muito ligado a Amílcar Cabral, e uma das minhas frustrações é que eu jamais pude vê-lo pessoalmente. Sei que ele me conhecia. Não pessoalmente; ele me conhecia de meus trabalhos. Isso me foi dito inclusive pelo irmão dele, que é o presidente da República da Guiné-Bissau.¹⁰ Segundo ele, Amílcar disse várias vezes: “Vai chegar o dia em que vamos chamar o Paulo Freire aqui.” Essa é a primeira vez, inclusive, que eu estou dizendo isso. E estou dizendo porque é aqui, para ti, mesmo que esteja gravando. Mas eu não diria isso em público, nem escreveria. É um certo pudor, que a gente deve ter. Não é tanto que a gente deve ter: que a gente tem ou não tem, e esse eu tenho. Mas eu digo com alegria, não com honra, pela coincidência que eu sinto que há: quanto mais eu estudo a obra de Amílcar, mais eu me sinto coincidente com ele. Mas de maneira nenhuma eu poderia jamais — a não ser que enlouquecesse — pensar que eu poderia ser considerado, ao nível da repressão internacional, ao nível da exploração internacional, um homem como Amílcar Cabral. Poxa, não tinha sentido! (*ri*)

Então, o que a gente tem que ver, inclusive, é de ter essa consciência assim bem lúcida, para reconhecer os limites da gente. Em certa esfera, eu reconheço que eu não posso ser visto bem, mas não atribuir a mim, ou admitir preocupações em torno de mim, como um sujeito perigoso, que precisa ser cortado. Isso não. Eu te confesso: eu nunca percebi esse tipo de coisa. Isso não significa que eu não reconheça que haja preocupações e que possa haver tentativas de restrições à minha ação. É claro também que isso há, mas não num limite maior.

Notas

3 Paulo aí se refere a Philip Hall Coombs, que, em 1968, como diretor do Instituto Internacional para o Planejamento Educacional, da Unesco, havia publicado *The World Educational Crisis*, Nova York: Oxford University Press, 1968. No Brasil foi lançado como *A crise mundial da educação*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

4 Coombs publicou *The World Crisis in Education* [em tradução livre, *A crise mundial na educação*] em 1985. Nova York: Oxford University Press.

5 Trata-se certamente do *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*, que, depois de um longo período de gestação, foi finalmente publicado no Brasil, pela Editora Paz e Terra, em 1992. [50a ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011].

6 Não deu. Nessa altura, eu já estava decidido a ir para Angola, que havia se tornado independente em novembro de 1975. A Unesco acabava de abrir um projeto de formação de professores para o ensino de base. E lá fui eu, em agosto de 1978, deixando para trás o posto de professor-leitor da Universidade Lyon II e um doutorado interrompido.

7 É o que, posteriormente, Paulo viria a chamar de “politicidade da educação”.

8 Em seu biográfico *Paulo Freire: uma história de vida*, Ana Maria Freire reproduz, entretanto, notícia publicada pelo jornal *Diário da Região*, de 13 de dezembro de 1989, que trazia a manchete “Freire diz que PT está pronto para governar e admite ser um ministro”. Segundo o secretário municipal de Educação de São Paulo, dizia a matéria, “as questões nacionais deverão ser discutidas posteriormente porque não se sente autorizado a mencionar esses assuntos que envolvem questões nacionais, ‘não sou ministro de Lula, mas posso vir a ser convidado — aí sim, poderemos conversar sobre o assunto’, concluiu Freire”. Com a derrota de Lula para Fernando Collor, já se sabe, ficou o dito pelo não dito. Op. cit. Indaiatuba: Villa das Letras Editora, 2006, 1a ed., 656 pp.

9 Líder guineense carismático que organizou e conduziu — através do Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC) — a luta de libertação nacional nessas duas antigas colônias portuguesas. Amílcar foi assassinado em Conacri, capital da República da Guiné, em 20 de janeiro de 1973, oito meses antes da vitória dos guineenses sobre os portugueses e da proclamação da República da Guiné-Bissau (24 de setembro de 1973).

10 Paulo se refere a Luís Cabral, primeiro presidente de um país africano de língua oficial portuguesa, deposto por um golpe de Estado em novembro de 1980.

“COMO TAMBÉM POESIA, COMO TAMBÉM CANTAR”

1. “UMA SIMPLES PEDRINHA...” UMA FLOR, UMA NEVE QUE CAI.

SÉRGIO: Você nunca teve vontade de escrever ficção?

PAULO: Não.

SÉRGIO: Eu estava pensando nisso porque, numa entrevista que eu fiz com Antonio Candido sobre Graciliano Ramos,¹¹ ele diz algo assim: “Engraçado, são certos paradoxos da vida. O Graciliano, por exemplo era pessoalmente”, diz ele, “alguém que dizia verdades profundas à queima-roupa, verdades mesmo pessoais. E, no entanto, foi alguém que disse as maiores verdades no campo da ficção e não no campo da memória, no campo da reportagem ou do trabalho memorial.” Você nunca teve essa vontade?

PAULO: Poxa, eu gostaria enormemente se pudesse fazer isso! Gostaria. Se eu pudesse escrever, ser um ficcionista — não exclusivamente —, eu sentiria uma gostosura! Agora, eu nunca sequer tentei. Eu não me sinto realmente capaz. Não sei se é até legítimo dizer que eu não me sinto capaz. Realmente não dá, mas gostaria. *(ri)* Se eu pudesse, gostaria.

Como também poesia, se pudesse também! Eu me sinto poeta enquanto apenas capaz de sentir. Por exemplo, eu me sinto poeta quando eu sou capaz de

parar numa rua por causa de uma pedra. Não exatamente a pedra do caminho de...

SÉRGIO: ...Carlos Drummond de Andrade... mas a pedra filosofal... (*riem*)

PAULO: De Drummond... que foi uma pedra muito maior do que essa pedrinha do caminho. Mas uma simples pedrinha às vezes me provoca. Uma flor. Uma neve que cai. Um floco de neve que baila antes de cair, que vai, que vem, que se abraça com outro, que se beija quase, sensualmente, antes de pintar o chão de branco. Isso tudo me sensibiliza.

Ouvir um homem do povo falar sobre o seu mundo e fazer poesia, enquanto desveladora, enquanto discurso que desvela a realidade, com uma intuição profunda que é típica dos poetas, e que às vezes desvela um pedaço de realidade em um poema. E eu, para fazer o mesmo, num ensaio, escrevo sessenta páginas! (*riem*)

Eu tenho assim quase uma chamada “inveja gostosa do poeta”. Mas não sou um poeta na medida mesma em que o meu discurso é outro, em que o meu discurso é um discurso filosófico, sociológico. É um discurso político, pedagógico. Bem ou mal. Não importa aqui agora discutir a qualidade desse discurso, mas a diferença dele — em que eu não tenho o domínio poético da palavra. De vez em quando, na minha prosa ensaística, é possível que apareça algo que pareça poético. Mas, aí, é a coincidência. São momentos de coincidência, num discurso que não é poético. Mas eu gostaria de fazer isso.

2. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO EM POEMAS: “MAS VI DEPOIS QUE ISSO NÃO DAVA.”

SÉRGIO: Também não tem nenhum projeto?

PAULO: Não, não. A não ser uma ou outra coisa que, se pudesse chamar de poética, que eu jamais chamei, e que não mostro a ninguém, e que de vez em quando escrevo — talvez quatro ou cinco — e guardo dentro dum saco, num envelope que eu tenho aqui. Digo a todas as minhas secretárias: “Se eu morrer num desastre, entrega isso à Elza.” São cartas, às vezes, de que eu fico com uma cópia, e um ou outro discurso poético.

Me lembro de um deles — faz já três anos — que é sobre a burocratização das mentes nesse Primeiro Mundo, e que eu escrevi não em forma de prosa. Um discurso diferente. Não acabei; digo: “Esse treco não é um artigo.” (*riem*)

Uma vez eu pensei num projeto desses, mas aí eu descobri a inviabilidade. Seria formidável se eu pudesse: por causa de um ensaio desses, eu pensei em fazer uma *Pedagogia do oprimido* em poemas. Reescrever o que está aí em forma de poesia. Mas vi depois que isso não dava. Fiz um ou dois, e não deu mais nunca.

Há anos passados, no Chile, eu estava no meu escritório e recebi uma revista — a *Visão*, creio — dedicada às cidades do Brasil. Eu comecei a olhar uma a uma, quando me defronto com o Recife. Aí eu escrevi uma longa carta ao Recife. E um dia comentei isso numa reunião, em Lima. No meio do debate eu disse qualquer coisa sobre a minha busca de compreensão de outras culturas, e um argentino presente me perguntou se eu estava me esquecendo do Brasil. Eu disse: “Não, de jeito nenhum. Por coincidência, eu escrevi até agora, no mês passado, uma carta ao Recife, por causa disso, e em que eu disse isso e isso...” — eu me lembro que estava com a bicha fresca! E ele me pediu para publicar essa carta numa revista, e eu não permiti, não dei. E disse: “Não, eu não faço isso, porque não sou um poeta. Não quero me meter então...” Talvez seja timidez, mas o meu discurso não é esse. E não quero depois que pensem: “Puxa, ele já está se metendo agora a também ser poeta!” Então nunca publiquei.¹²

3. BANHEIRO, QUARTO, SALA, RUA: “CONHECES ESSE CANTOR?”

PAULO: Como também gosto de cantar, não sei se tu sabias disso.

SÉRGIO: Não!

PAULO: Ah!, tu sabes que eu adoro! Agora, tu sabes, Sérgio, nisso aí o primeiro mundo ganhou para mim nessa guerra. Eu cantei até o Chile. Eu era o chamado “cantor de banheiro”, não sei se conheces essa expressão no Brasil. (*riem*) O banheiro te dá a liberdade e o direito de cantar. Quem não quiser que se

dane, porque estás no banheiro. No Chile eu fazia isso, porque, olha, eu ninei os meus filhos todos cantando.

SÉRGIO: Você chegou então a sair do banheiro para ir para o quarto, cantando.

PAULO: Ah, sim, e fui para a sala! Não, antes, na juventude, eu fui para a rua. Cantei serenatas! Em Jaboatão, isso, fora o Recife. Agora, meus filhos, eu cantei para todos eles. Inclusive com essa [filha] que me telefonou agora, quando eu estava conversando contigo, com essa eu tenho um fato interessante.

É que Elza é profundamente desentoadada! Então, às vezes, ela sentava numa cadeira de balanço, e punha a filha cá no colo, e começava a balançar. Tinha uma habilidade fantástica de conversar com a criança, sabe! Qualquer criança, ainda hoje! Elza é a avó de todos os meninos do mundo, é uma beleza isso! Ela punha essa, a Maria Cristina, no colo, e começava: “Dorme, dorme, minha filhinha, que papai está cansado, e mamãe também está!” Quando ela começou com essa história toda, aí a Cristina botou a mão na boca da Elza e disse: “Chama papai!” (*caem na risada*) Até hoje a gente conta isso em casa.

Inclusive porque, no Chile, eu cantava em casa, uma hora! Mas nos Estados Unidos e aqui [em Genebra] eu fiquei de tal maneira inibido com o contexto... Você já imaginou eu cantar no meu apartamento? Os vizinhos vão dizer: “Esse cara é louco, esse velho barbudo aí, incomodando a vizinhança!” (*Sérgio ri*) Mesmo nas horas normais de cantoria, nego não vai aceitar isso, vai dizer que eu sou doido. “E depois, um professor como esse cara é, famoso, não pode cantar!” Imaginou, não é? Então eu parei de cantar, silenciei.

Mas há três anos, depois de passar todos esses anos sem cantar, no Natal nós iríamos ter a família toda reunida — os filhos, os genros — e eu resolvi fazer uma gravação numa cassete que um dia eu te mostro, lá em casa. Gravei num *Revox*, com um grande amigo e professor de Joaquim, de violão clássico. E cantei umas seis ou oito das velhas canções que eu cantava para niná-los. E fiz um largo discurso! Entre a primeira canção e a segunda, fiz um grande discurso explicando por que é que eu estava cantando e por que sempre cantei. É um discurso de uns cinco a dez minutos. Então eu gosto, o negócio é bonito, entende? Tem uma razão de ser, e eu dou umas pauladas nos psicólogos que criticam isso, contra ou a favor de mim. Esses psicólogos que se danem! Eu acho

que uma das melhores coisas que eu fiz na vida foi cantar, eu digo para vocês. E dei para eles, não sei se todos eles têm uma cópia disso.

E às vezes eu faço umas brincadeiras com amigos brasileiros que chegam lá em casa e não sabem. Me conheceram no exílio, sobretudo, e não sabem dessa dimensão. Essa, sim, é uma dimensão. Então eu combino com o filho, e ele bota a fita lá no gravador *Revox* dele. De repente, começa aquela voz. Aí eu pergunto:

— Conheces esse cantor?

— Não. Puxa, esse cara é velho, hein! — (*Sérgio ri*) E eu:

— É, é antigo. Esse cara é da geração do Silvio Caldas.

— Não conheço, rapaz. Mas é bom, hein! Sujeito entoadado, danado! — Então eu digo:

— É, esse cara é Paulo Freire. — E os caras morrem de rir, rapaz! Ficam impressionados. Inclusive, se são da minha geração, eles sabem as modas, que “tocam nós”. Não a ti mais, nem a meus filhos. A meus filhos tocam porque eu cantei para eles, mas não que eles sintam tanto isso. O negócio deles é outra coisa, eles estão noutra. Um dia eu te mostro.

SÉRGIO: Você nunca tentou compor?

PAULO: Não. Aí, então! Isso eu espero que meus filhos façam. Como eu te disse, eles são músicos, apaixonadamente músicos, adoram isso, sentem, e estudam. O Joaquim toca violão. O Lut também, eu acho que ele tem jeito, ele toca percussão. Eles terão primeiro que se preparar, do ponto de vista da composição, todos esses problemas que eles têm que estudar.

Eu tenho é muito bom ouvido, o que a Elza não tem. A Elza não distingue até hoje um tango de um samba, rapaz. É incrível! (*Sérgio ri*) Ela não tem ritmo. Eu tenho, e é incrível como não dance. Eu não danço, o que deve ter sido muito mais inibição do que outra coisa. Eu tenho um ouvido tão bom, Sérgio, que, ouvindo uma música que nunca ouvi, eu sou capaz de dizer qual é o próximo... não sei na linguagem técnica...

SÉRGIO: ...o próximo acorde?

PAULO: É. Eu pressuponho, eu anteuço o próximo acorde! Quando o Joaquim está tocando lá em casa um estudo dele qualquer, de Bach, de Villa-Lobos, e comete uma falha, eu digo na hora: “Olha, tá errado isso.” E eu não sei

nada de música, rapaz! Aí ele ri e diz: “É, velho, você realmente tem intuição para isso. Eu realmente errei.”

“Sérgio: O senhor traçaria alguma curva na trajetória da obra de Graciliano, em termos de ascensão ou declínio?

Antonio Candido: Não, não. Eu acho que, de modo geral, a obra de ficção dele é superior à obra de confissão. No começo eu não achava isso, e é um defeito daquele meu ensaio [“Ficção e Confissão”, de 1955]. Eu achava que ele tinha conseguido no plano da confissão o mesmo nível que no plano da ficção. Eu acho hoje em dia que, como significação, como vigor, é a mesma coisa, mas como realização literária a grande obra dele é mesmo a de ficção. Eu diria que *Infância* é melhor do que *Memórias do cárcere*, porque *Infância* tem um tom ficcional. Ele era um grande ficcionista. Paradoxo, porque um homem como ele, tão sério, tão direto, tão amante da verdade, daria a impressão de que seria melhor falando a verdade. Mas são os tais paradoxos: a verdade é mais forte quando ficção, nele.

“Sérgio: Quanto ao problema do gênero literário em Graciliano Ramos, como é que o senhor vê a ausência de poesia? Me parece que uma declaração dele frente a Pablo Neruda teria sido de que ele nunca fez poesia, não queria fazer poesia, que poesia era um gênero menor.

“Antonio Candido: É. Bom, o Graciliano era um homem que não tinha medo de afirmar suas ideias. O Graciliano, de fato, é um homem que baniou a poesia concebida como lirismo. Mas eu não creio que a poesia esteja totalmente ausente da obra dele, não. Eu acho que, em *Infância*, ele se abandonou muito à poesia. Toda a parte da formação das memórias infantis, as primeiras coisas de que ele se lembra, as flores em cima da mesa, o avô tecendo as esteiras... Eu acho que há muita poesia ali. Não há literatura sem poesia. Toda atitude criadora é poética, é poesia por excelência. Ele falava no sentido de poesia acadêmica, ou poesia lírica, poesia sentimental. Isso não tem mesmo, que ele era um antissentimental por excelência. Mas poesia no sentido de impacto criador, assim, que desperta a emoção, que leva a linguagem ao seu mais alto ponto de concentração. A poesia é assim, uma espécie de foguete de lágrimas, que explode no céu e colore tudo. Assim é a obra dele. Obra essencialmente poética nesse sentido, não no sentido corrente, ao qual ele se referiu.

“É a secura do estilo. O Graciliano Ramos é aquele tipo de escritor que cultivava a secura, que é mais próxima da prosa. Mas é muito parecida — a prosa de Graciliano Ramos — e a poesia de João Cabral de Melo Neto ou do Carlos Drummond. É a mesma família de espíritos. É curioso, veja você: nós somos considerados um país barroco, país barroco no bom e no mau sentido. E, no entanto, os maiores escritores brasileiros modernos são secos. Quer dizer: dos grandes, para ser barroco mesmo, só tem o Guimarães Rosa, porque o resto, o João Cabral, o próprio Manuel Bandeira, poeta imenso, que eu colocaria também no primeiro plano — o Manuel Bandeira, o Graciliano Ramos, o Carlos Drummond de Andrade, são todos secos. Inclusive gente seca, literatura de gente seca. O Graciliano está nessa linha de secura, e por causa dessa linha de secura é que naturalmente ele se referia assim à poesia. Nada de lirismo de suplemento dominical.”

Essa entrevista com Antonio Candido faz parte do material do curso sobre Graciliano Ramos que ministrei no ano escolar 1977-1978, na cadeira de “literatura brasileira: estudo de autor”, para os alunos do terceiro ano da área de letras, na Universidade Lyon II — e a que já fiz referência em Paulo Freire e Sérgio Guimarães, *Aprendendo com a própria história II*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 136-7.

[Para as edições de 2011, optou-se por trabalhar cada livro da parceria Paulo e Sérgio de forma independente. Dessa maneira, *Aprendendo com a própria história II* tornou-se *Dialogando com a própria história*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 126-7, N.E.]

Notas

11 Vale a pena transcrever aqui dois trechos dessa entrevista inédita com o professor, sociólogo e crítico literário Antonio Candido, feita em São Paulo, em 10 de agosto de 1977:

12 Por insistência minha, o Paulo acabou concordando em publicar a sua “carta ao Recife” — na verdade, um poema de amor à sua cidade — no nosso livrinho *Aprendendo com a própria história*, 2a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001 [4a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 325.]

“JOGO DIFÍCIL, JOGO ARRISCADO”: A EDUCAÇÃO DENTRO DE CASA

1. AUTORIDADE DO PAI, LIBERDADE DO FILHO: “A GENTE PODE CORRER AÍ DOIS RISCOS.”

SÉRGIO: Você que propôs tanto — e que continua propondo — discussões sobre problemas de educação, de pedagogia, como é que você se considera como pai? Como é a educação dentro da tua casa?

PAULO: Ah, sim! Essa é uma grande pergunta, sabe? Olha, em primeiro lugar, Sérgio — tu deves ter essa experiência já, pois tu estás à altura de ter —, os verdadeiros juízes dos pais são os filhos, e não os vizinhos (*riem*) nem os pedagogos profissionais, nem os médicos. Os juízes são os filhos. Eles é que te dirão mais tarde, como hoje tu dizes. Benevolentemente ou não. Acre ou suavemente. Os filhos é que realmente julgam os pais, reconhecendo inclusive as limitações.

O erro dos filhos seria apenas o de julgar os pais fora do contexto em que os pais viveram e se formaram, antes da chegada dos filhos. Mas, na medida em que os filhos sejam capazes de perceber esse jogo do tempo no espaço, eles são juízes também. O que não significa que um filho, ao criticar — até duramente — o comportamento pedagógico que o pai teve, não o ame. É outra coisa, isso.

É formidável: Elza e eu temos sido sujeitos, é claro, à análise crítica dos filhos. Temos cinco, e há uma certa variedade, uma certa diversificação de juízos, entre os cinco. O mais jovem deles, por exemplo, que tem hoje dezenove anos, me disse uma coisa formidável, conversando comigo. Eu costumo sempre, toda vez que posso, sair com ele, sobretudo com ele, hoje, porque o outro está morando em Friburgo, de maneira que vem cá no fim de semana, e conversa muito comigo, quando chega, até uma hora da manhã. Mas com o que está aí eu costumo ir a esse restaurante português. Às vezes Elza vai, às vezes não vai, e a conversa fica só mesmo no nível dos dois. E num desses bate-papos em torno da mesa, ele disse para mim um negócio formidável:

— Papai, tu sabes que quando eu dou uma mirada assim, uma olhadela para trás, analisando a tua posição e a de mamãe com relação a nós, eu tenho uma certa crítica a te fazer, sobretudo a ti.

E eu:

— Tá ok, qual é?

— Eu acho que tu tens uma visão correta, mas tu exageraste, e aí é que está a minha crítica, com relação à compreensão tua do uso, por nós, da liberdade. Eu vou tentar explicar melhor: eu acho que de tanto confiastes na liberdade do filho, na criatividade do filho, na responsabilidade do filho, tu deixaste a nós todos, várias vezes, em situação de insegurança.

Poxa, foi uma análise muito boa, sabe, Sérgio! Eu disse:

— Olha, meu filho, eu tenho a impressão — agora para fazer uma conversa mais sofisticada — de que fui muito mais Jung do que Freud. Eu fui mais filho do que pai. O problema que se coloca a mim hoje, e a ti, mas que se coloca mais a ti do que a mim, porque o problema, a mim, hoje, é um problema com relação a um passado que ninguém pode transformar mais. Quero dizer: o que a gente fez, errado ou certo, não se pode apagar, porque foi feito, já. A gente muda o presente, construindo o futuro. Então, o problema se coloca mais a ti hoje, para o amanhã teu, de pai: é de saber se tu podes equilibrar melhor do que eu o balanço entre ser pai e filho. Porque de uma coisa eu estou convencido: ninguém é pai sem ter sido filho, é inviável. Agora, o que é importante é que, em sendo pai: primeiro, tu guardes o filho que foste; segundo, que prepares o filho que tens para ser pai amanhã, também. Que ajudes nesse esforço de preparação. Mas

equilibrando muito bem a relação entre a autoridade do pai e a liberdade do filho.

Evidentemente que a gente pode correr aí dois riscos: um, é exacerbar a autoridade do pai e virar autoritário; o outro, é exacerbar a liberdade do filho, e virar espontaneísta, portanto, cair na licenciosidade.

2. A OPÇÃO DE “SE ACHAR PORQUE SE PERDEU”: “É UM JOGO DE QUE A GENTE SAI OU NÃO SAI.”

SÉRGIO: Teus filhos já te criticaram, por ter vindo de uma sociedade patriarcal, de ter um comportamento de patriarca na família?

PAULO: Não, não, porque na verdade eu não tenho. Eu não sou um patriarca. Por isso é que criticam, inclusive. É que eu fui mais liberdade mesmo do que autoridade. Bem, essa foi a posição do Lut. O Joaquim, não. O Joaquim um dia, conversando com o Lut e comigo sobre o mesmo tema, e discutindo umas análises — na mesma linha do Lut — feitas por Madá [Madalena, a primeira dos filhos]... Madá acha que eu joguei demasiado com a liberdade deles, criando insegurança.

A tese do Joaquim então era a seguinte: “Eu acho que papai jogou um jogo difícil no momento em que tinha que jogar. É um jogo difícil, é um jogo arriscado. Mas é um jogo de que a gente sai ou não sai. Mas o que não é possível é que ele jogasse um jogo através do qual ele nos tirasse. Quer dizer: ele teve que fazer uma opção entre a possibilidade de a gente se perder ou de a gente se achar. Inclusive se achar porque se perdeu. Então eu aprovo esse treco, sabe? Eu repetirei isso.”

A posição da Fátima é a que ela expressou muito bem numa carta que fez para mim e a Elza quando o filho nasceu, na Polônia. Ela escreveu e disse: “Vou repetir com Alexandre o que vocês dois fizeram conosco. Não porque me falte imaginação, mas porque estou totalmente de acordo.” A mesma posição.

A Cristina ficaria no meio-termo, entre as duas posições. Agora, a Fátima faz uma análise... Não fez assim diretamente, mas eu ouvi, numa conversa que ela

teve com o Lut, o mais jovem. Eu estava trabalhando, escrevendo inclusive as *Cartas à Guiné-Bissau*, e em certo momento fui atraído pelo bate-papo deles dois na sala. Entusiasmados, estavam falando muito alto, e aí eu escutei. Não disse a eles que escutei, mas escutei. E aí houve um momento em que ela disse a ele mais ou menos isto:

— Há uma coisa que, de modo geral, é muito difícil: é ser pai e ser filho. É tão difícil ser pai, como é difícil ser filho. Isso é um problema que todas as gerações têm. Mais agudamente, em certas épocas, em certos contextos, que em outros. Agora, de qualquer maneira, não é fácil ser filho de papai, de meu pai, de nosso pai; não é fácil. Eu reconheço que é muito difícil ser filho dele, exatamente por causa da personalidade que ele tem, que ele não fabrica, que se fez. Por uma certa riqueza humana que ele tem. Por uma capacidade de envolvimento que ele tem, de bate-papo. Por um certo rigor no pensamento dele, que por mais liberdade que deixe ao filho, significa sempre um desafio a acompanhá-lo. Então, ser filho de um homem assim não é fácil, mas não há como deixar de ser, se se é. Eu e tu somos filhos dele, então a gente tem que ser. A gente é, não é preciso negar. Não é possível negar. Então, cabe a nós descobrir a melhor maneira de usar o espaço de liberdade, que ele jamais nos deu, porque sempre reconheceu. Não foi uma doação que ele fez a nós, aí é que está a diferença. Ele reconheceu esse direito, e é coerentíssimo. Se você quer ir agora — e eu ouvindo —, ele está lá escrevendo. Vá lá você agora, vou eu lá. E digamos que temos uma coisa a dizer a ele, que ele para o que está fazendo, ouve e discute, debate. Ele nunca fecha a porta, nem nunca diz: “Eu sou o pai.” Então isso é outra dificuldade, porque o fato de ele dizer “Eu sou o pai” significa que a gente tem que se afirmar, para poder discutir com ele. De maneira que é esse o desafio permanente que ele nos faz: é o de sermos nós. Então é difícil ser filho dele.

Aí ela disse:

— Mas eu prefiro essa dificuldade à falsa facilidade de ser filho de um pai que diz que é o pai. É a dificuldade que a gente tem de ser a gente. Isso é difícil, não é fácil ser a gente.

Engraçado: sabe que essa menina [Fátima] — ela está até em Lisboa, está vindo nos ver aqui, se obtiver visto — e Joaquim têm a mais franca relação

comigo. É engraçadíssimo: todos os cinco têm, Madalena tem mais dificuldade. E é a Fá que me dizia em Bissau, no mês passado:

— É engraçado o caso da Madá, sabe? A Madá se defende fantasticamente com relação ao bem que te quer. Ela te quer um bem tão grande que se defende desse bem, com um cuidado enorme para não expressar.

Eu percebo isso. Mas a Fátima e o Joaquim, não. Eles ganharam uma maturidade extraordinária, nessa prática comigo e Elza. São de uma total disponibilidade diante de nós. Por exemplo, posso ficar com o Joaquim duas horas em silêncio, numa sala, com absoluta comunicação. (*Toca o telefone, Paulo para para atender*)

3. “NO FUNDO, TODO PRIVADO É PÚBLICO.” E O DIÁLOGO, MESMO NO SILÊNCIO.

PAULO: Mas, em última análise, a experiência que tivemos juntos, Elza, eu e os cinco filhos, é uma experiência em que não há sequer um momento que pudesse provocar em mim uma espécie de arrependimento. Reconheço que devemos ter cometido, Elza e eu — dentro dos nossos padrões e do nosso contexto —, erros, claro. Equívocos. Devemos ter cometido injustiças etc. Afinal de contas, a vida se faz disso também. Mas eu me sinto profundamente feliz com a existência dos cinco filhos e Elza comigo. É uma coisa que me esvaziaria se eu não tivesse tido. (*ri*) Eu tenho a impressão de que, se eu não tivesse tido essa experiência, eu sentiria a falta dela, mesmo que dela não tivesse conhecimento. E hoje que a tenho, que a tive, é de uma riqueza enorme, o que a gente aprende com o filho.

Mas é o tal negócio; por exemplo, inclusive muita coisa da minha experiência pedagógica — já agora ao nível público — está marcada por essa experiência de nível privado. É que, no fundo, todo privado é público. Não se pode dicotomizar um do outro, separar: “De quatro às cinco eu sou isso, de três às quatro sou privado.” Não, não dá. (*riem*)

De maneira que toda essa ênfase minha no diálogo, não apenas como uma qualidade do ato de conhecer, ou como uma exigência do ato de conhecer, do ato de conhecimento, mas também como uma forma de ser... É impressionante: isso

tudo que eu explicito na minha prática e na tentativa de teorizá-la vem, na verdade, da minha prática. Primeiro, como filho, com meu pai e minha mãe. Segundo, como pai e como marido, com os filhos. E aí eu volto a te repetir: o diálogo não apenas como selo do ato de conhecimento; o diálogo como uma forma de existir, mesmo que às vezes expressando sem a linguagem oral. Mais no domínio da semiologia, numa concepção global da linguagem. O diálogo no silêncio: isso a minha família me deu e eu dei a ela. E é profundamente enriquecedor. Isso tudo tem que ver com a minha não verticalidade, com a busca da horizontalidade, do respeito.

Por exemplo, eu não me lembro de ter dito a nenhum deles, jamais: “Não se faz isso porque eu não quero.” Jamais. Eu sempre disse: “Não se faz isso porque, fazendo-se, é possível que se tenha isto, isto, isto, isto, como consequência.” Então eu não precisei vir proclamar uma autoridade. Você só é autoridade na medida em que tem, e você só tem na medida em que não impõe, em que ela se constitui, na relação com a liberdade.

Eu me lembro de que, na *Pedagogia do oprimido*, quando eu discuto esse problema da autoridade e da liberdade, eu digo que a autoridade não é outra coisa senão a liberdade que se constitui autoridade num determinado momento do seu processo. Quando ela não é isso, ela deixa de ser. E eu acho que é isso: a minha autoridade de pai se vem constituindo na minha liberdade de filho e, a um determinado momento, se fez necessária a explicitação, a forma da autoridade paterna, mas que se fundou na liberdade de filho.

Então essa autoridade, que se constituiu num largo processo de desenvolvimento de uma liberdade, não pode agora se pôr diante de uma nova liberdade, que começa a surgir para constituir amanhã uma nova autoridade, e abafar essa liberdade. Aí se dirá: “É um metafísico! (*Sérgio ri*) É ainda um idealista.” Nesse sentido eu gosto mesmo de ser idealista. (*rindo*)

4. A MARCA DO PAI, PRESENÇA PERMANENTE: “UMA COISA ASSIM QUE VEIO DE DENTRO.”

SÉRGIO: Você, como filho, nunca teve a oportunidade de ser rebelde, se revoltando contra uma autoridade “ilegítima”?

PAULO: Não, isso é que é: não precisei. Em primeiro lugar, meu pai morreu... Para você ter uma ideia disso, Sérgio, de como esse homem me marcou e me marca. Meu pai morreu, rapaz, quando eu tinha treze anos! E ele era mais moço do que eu hoje quatro anos. Ele morreu com 54, e eu tinha treze.

SÉRGIO: De uma família de quantos filhos?

PAULO: De quatro. E eu, o mais moço. Eu nunca tive o chamado “medo do pai”. E veja bem: isso em 1920 e poucos, num Nordeste patriarcal. Eu nunca tive medo da figura paterna. Eu sempre tive um profundo respeito à pessoa dele e à autoridade dele, mas não medo. E é impressionante ver, por exemplo, como ele me marcou intensamente. Por exemplo, depois que nós nos casamos, Elza e eu, quando nasce o primeiro filho homem, eu, em combinação com a Elza, ponho o nome do meu pai. E por completo, inteiro: Joaquim Temístocles Freire Neto. Não era preciso botar *Neto*, porque meu pai tinha morrido em 1934, não havia nenhum perigo de confusão entre os dois Joaquins. E eu pus *Neto*, para marcar. Um direito arbitrário que tem os pais, não é? O menino nasce prematuramente, com uma estenose do duodeno, é operado e morre, o que nos traumatiza terrivelmente! Um ano e meio depois, Elza tem Joaquim, o segundo. E o nome dele é Joaquim Temístocles Freire Neto. Para você ver: uma coisa assim que veio de dentro, que não foi pensada, que não é uma simples homenagem, nada disso. Nem é mágico: eu não estou pensando em trazer o meu pai através do meu filho, nada disso. É uma presença permanente. Que coisa, não é?!

O Joaquim hoje não usa o *Neto*, ele não precisa. Nem usa o *Temístocles*. Resolveu abreviar, usa só *Joaquim Freire*. Mas ele sabe do nome: isso é a marca que meu pai exerceu sobre mim, mas de profunda libertação. Isso é que é formidável: é que até hoje eu não me senti, e não me sinto como se num círculo de ferro, com uma presença que me angustia, nada disso. Ou que eu tivesse um sentimento de culpa, nada. É uma memória constante, permanente. Por exemplo, hoje não me é possível sequer lembrar do timbre da voz dele. Ele morreu em 1934, se perdeu, não tinha gravador naquela época. Vai ser muito mais fácil aos meus filhos, e aos meus netos, os que não me conhecerem ou que estão me conhecendo, mas que... vou morrer antes que eles cheguem a ficar

maduros. Vão ter, inclusive, à disposição deles, de um bocado de lugares do mundo, até teipes, para ver o avô falando, ter uma visão...

Mas eu não sei se eu terei tido a força — que ninguém tem porque quer — de marcar a minha presença, na memória deles, com a mesma intensidade com que meu pai me marcou.

A GERAÇÃO DOS NETOS: “UM SALTO FANTÁSTICO!”

1. UMA ABSOLUTA FRANQUEZA: “ELA ME CHAMA ‘PEDRO BÓ’.”

SÉRGIO: Você se sente hoje, como avô, no nível dos teus netos? Com relação a essa capacidade de conversar, essa disponibilidade que você tem com os seus filhos, a liberdade que você reconheceu e, ao mesmo tempo, essa autoridade sua no relacionamento com eles: você tem essa mesma facilidade com os netos?

PAULO: Tenho.

SÉRGIO: Ou você percebe que existe alguma coisa, em termos de geração, que impede um contato mais próximo?

PAULO: Não, não. É engraçado, isso. Inclusive o que eu observo é que a geração dos netos está dando um salto fantástico com relação ao espaço de liberdade, quando eu comparo com os filhos, o que me agrada. Enormemente!

Por exemplo, a minha neta — a filha da Madalena e do Weffort —, que está com seis anos, tem uma absoluta franqueza comigo e com a avó. Ela é louca pela avó. Tenho a impressão — sem nenhuma ciúmeira barata, que não caberia — de que se ela tem de optar entre ficar comigo e ficar com a avó, ela vai para a avó. *(ri)* Eu não tenho dúvida disso. Agora, comigo ela tem um tipo de relacionamento muito interessante, que inclusive também pode ser um tipo de relacionamento, inconscientemente, de encobrir o bem que tem para com o

velho. Há um personagem de um dos programas de televisão do Brasil, que eu não conheço e que ela conhece, e que é um personagem meio bobo, não sei se é do Chico Anísio ou de outro qualquer, que se chama “Pedro Bó”.

SÉRGIO: É do Chico Anísio.

PAULO: Ela me chama “Pedro Bó”. (*riem*) Isso é só um exemplo para te dar a franqueza. Na minha geração, era impossível eu chamar meu avô de “Pedro Bó”, ou do Pedro Bó da época. Ela diz: “Vam’bora, Pedro Bó, o que é que há? O que é que estás fazendo aí, Pedro Bó? Vem para cá, Pedro Bó!” Ela joga comigo, ela brinca comigo. Eu sou, às vezes, brinquedo dela, o que é uma beleza para mim. Eu acho uma delícia!

2. “PASSA DIRETO, FURA O CÉU E SE PERDE.” AOS CINCO ANOS, O PROBLEMA DA GRAVIDADE.

PAULO: Agora, é engraçado, sabe: a relação entre ela e mim e a avó é diferente, por exemplo, da relação entre o neto que está na África e mim. E aí eu não tenho dúvida nenhuma de que o que está jogando é o contexto africano.

Quer dizer: do ponto de vista da cultura africana, a relação entre o meu neto e mim deveria ser muito respeitosa. Ele deveria me considerar como o chamado homem grande, o homem velho, o homem sábio, a fonte da sabedoria e da preservação da continuidade da sua cultura. Ele teria que vir a mim beber, e esse exemplo teria de ser dado inclusive já pelos pais dele. E era com esse exemplo dos pais e da comunidade que ele iria ter em mim, e a minha resposta necessariamente seria essa, porque eu sabia que tinha chegado o momento de ser o homem grande, para o qual eu tinha me preparado desde quando fui o homem pequeno.

Lá, porém, o que está condicionando ele lá não é essa dimensão da cultura, que não tem nada que ver com a cultura dele; uma cultura que ele está bebendo dos pais, e que é uma cultura, nesse caso, ocidentalizada, ocidental. Então, a diferença que há lá é a seguinte: é a de um menino que tem cinco anos e que é

dono da cidade. É dono da sua geografia. É livre para se mover nela. E basta isso para condicionar o relacionamento dele comigo, diferentemente do de Carolina. Carolina tem como mundo, no Brasil, a casa, o quintal e a escola, e, em Genebra, o apartamento, como mundo imediato; e, como mundo que se amplia, a televisão, as conversas dos adultos e um passeio que dá, mais nada. Isso muda em qualidade o relacionamento.

É interessantíssimo, por exemplo, quando eu estou com ele lá em Bissau. Há momentos em que penso que não sou o avô, que eu sou um camarada qualquer dele, com quem ele conversa com total abertura. E às vezes me chama até “Paulo”, só, e não “vovô”. Quase sempre me chama de “Paulo” e tem umas conversas maravilhosas!

Eu estava lá agora, com ele, uma noite no pátio, e havia uma lua linda, que Carolina não vê. Esse é outro dado: Carolina não vê lua. Possivelmente, morando lá na zona dela em São Paulo, ela possa ver um pouco a lua, mas a tendência é não ver lua. Numa cidade como Genebra, quem é que vê lua? (*Sérgio ri*) Não se vê a lua! Mas na África tu vêes a Lua, no Nordeste brasileiro tu vêes a Lua.

Ele olhou e disse: “Paulo, tu viste a lua, como está bonita!” Eu disse: “Sim, está muito bonita!... Ô Alexandre, na tua escola, a professora já te disse que, alguns anos atrás, uns homens tomaram um foguete aqui do chão, da Terra, de um pedaço do mundo... porque a África é um pedaço do mundo; Bissau é um pedaço desse pedaço que se chama África, mas tem uns pedaços grandes aí pelo mundo! Então, de um pedaço do mundo, os homens saíram, num foguete.” E ele olhando, assim. (*arregalando os olhos*) Isso foi muito bom, rapaz! “Subiram e desceram lá na Lua. Andaram na Lua, lá sendo diferente, não sendo como aqui. Examinaram, estudaram, depois pegaram o foguete, voltaram. E ele disse: “Não, não contaram isso a mim ainda na escola.”

Primeiro dado interessante: não admitiu que isso era mentira nem conversa de homem grande. Admitiu que isso é viável. Esse é um dado que eu considero importantíssimo, não para aferir a inteligência dele, individualmente, mas para aferir uma certa atmosfera, que é internacional, e que vai afetando as bibocas do mundo, de que é viável isso, cientificamente.

Ele não achou que era fantasia do avô, e aí deu uma formidável resposta. Disse: “É, vovô”, aí chamou “vovô”, ele mistura com “vovô Paulo”, “agora, eu

acho que a gasolina desse foguete é muito forte! Tem que ser, vovô, muitíssimo mais forte do que a gasolina do avião, porque senão não dá para ele furar isso tudo e ir embora.”

Você veja aí como esse menino está colocando, aos cinco anos de idade, o problema da atração da Terra, da gravidade, o problema da velocidade. Tudo está posto aí dentro. Aí eu disse: “Exato, meu filho, tem que ser uma gasolina bem potente!” E ele: “Agora, tem uma coisa, vovô. É que se esses caras errarem a dose e botarem uma gasolina mais forte ainda, o que vai acontecer é que o foguete passa direto...” Você veja, novamente o problema da gravidade: ele ultrapassaria a gravidade da Lua. “Passa direto, fura o céu” — aí parou e disse: “E aí se perde!”

Bem, de um lado, me faltavam conhecimentos. (*ri*) De outro, eu achei que era uma dose demasiado grande, para ele, eu mostrar que o foguete pode passar a Lua sem furar o céu e sem se perder, para prepará-lo para esse tipo de conversa mais adiante.

Os bate-papos dele são engraçadíssimos! Mas o que eu sinto — eu não sei, não estou sabendo precisar melhor — é a diferença entre uma criança de um contexto de apartamento e uma criança que tem como mundo a cidade inteira. Ele não anda, só, a cidade inteira, mas anda uma boa parte do setor, da rua onde ele mora, só ou com os camaradas.

Fátima me diz que, às vezes, encontram com ela na rua, e dizem: “Olha, eu vi Alexandre a um quilômetro daqui.” E todo mundo se conhece. Então a criança cresce sem medo de perder-se. Sem medos. Não tem medo de polícia. A polícia de Bissau não existe para fazer medo a ninguém, até agora, pelo menos. Não tem medo de soldado. Tudo é camarada. Então ele não tem por que ter medo, a não ser os medos que a cultura começa a incutir, o medo de certas divindades.

Eu ouvi uma conversa dele com o pai, em que ele dizia — não me lembro agora do nome do deus, é uma divindade que habita uma árvore muito grande, muito frondosa. (*pausa*) Ah! sim, é o Irã, a que Amílcar se refere constantemente — “É, eu tenho medo mesmo, eu tenho medo do Irã!” E eu até disse: “Começou! Começou!” É a África, não?

3. A CAPACIDADE DE DIALOGAR COM ELES, ADOLESCENTES: “O MENINO QUE EU FUI E O QUE EU NÃO PUDE SER.”

PAULO: Quer dizer: ele é muito libertado, dentro do seu mundo, do seu universo. A relação que ele tem comigo, mesmo eu não morando lá; e, por outro lado, a relação da mãe dele, do pai dele comigo, e que ele vê, é uma relação de total abertura também, sem salamaleques falsos de filho para pai. De camarada também. Então ele cresce assim, e é realmente um menino vivo, inteligente, danado.

Da outra vez que fui lá, [na saída] ele foi ao aeroporto. Quando o avião chegou, ele disse a mim: “Vovô, eu acho bom você tomar esse avião, entrar nesse avião logo, porque eu não trouxe as minhas cordas de amarrar avião.” (*Sérgio ri*) Isso é um poema! “E se o avião sair sem você, o que vai ser de vovó Elza?” Que beleza! E eu disse a ele: “Mas, meu filho, eu estava certo de que você tinha trazido as cordas de amarrar avião, sabe? Mas já que você não trouxe, eu acho que vou entrar.” Então falei com a mãe, ela riu e disse: “Talvez ele também queira ir embora, sabe? Ele está com algum projeto aí, de viajar aí pelo mundo dele, e essa história de estar aqui no aeroporto está chateando já, não? Então é bom que o avô se vá!” Aí eu me despedi.

Dessa vez eu disse a ele: “Eu vou me embora amanhã. Leva as cordas de amarrar avião.” (*riem*)

Mas, em última análise, para fechar a tua pergunta: eu tenho a impressão — e isso é um teste a que eu vou me submeter, se vivo for, e daqui a mais seis, sete anos, espero saber, mais velho ainda do que hoje, se eu terei capacidade de dialogar, não com as pieguices do avô, mas em termos normais, com eles adolescentes.

Esse vai ser o segundo teste de avô: saber até que ponto, quando foram adolescentes, possivelmente já não me chamando “Pedro Bó”, eu possa dialogar criadoramente com Carolina e com Alexandre, e com a outra, [Helena] que terá então sete anos.

Ver se eu terei a capacidade de continuar preservando em mim, a despeito da idade, o menino que eu fui, e ver se sou capaz de criar, na minha velhice, o

menino que eu não pude ser. Se eu puder manter o menino que fui e fazer nascer o menino que eu não pude ser, em mim mesmo, então acho que posso continuar dialogando com eles.

Segunda parte

OLHAR DE DENTRO

O RISCO DE PUBLICAR

1. “A PRESSÃO ERA FORTÍSSIMA. PROIBIRAM IMPORTAR O LIVRO, E EM QUALQUER LÍNGUA.”

SÉRGIO: Fernando, você disse que está com setenta, não é?¹³

FERNANDO: É, setenta anos.

SÉRGIO: Você nasceu onde?

FERNANDO: Em São Paulo mesmo.

SÉRGIO: Você é paulistano?

FERNANDO: Sou. Paulista paulistano.

SÉRGIO: Em que bairro você nasceu, já que é assim?

FERNANDO: Nasci aqui no Belém, pertinho do Brás, ali.

SÉRGIO: E Gasparian vem de onde?

FERNANDO: Do armênio. Meu avô era armênio. Veio para cá no século passado ainda.

SÉRGIO: E essa história de edição: foi você que começou ou já veio da família?

FERNANDO: Não, eu é que comecei, desde o tempo em que estive na escola. Fui presidente do Centro Acadêmico da minha escola. Fui presidente da UEE — União Estadual de Estudantes.

SÉRGIO: Que escola era?

FERNANDO: Escola de engenharia do Mackenzie.

SÉRGIO: Ah, você é engenheiro! Que engenheiro?

FERNANDO: Civil e eletricitista, me formei nos dois. E aí fiquei estudando um pouco economia, e fui dar aula de economia lá na universidade, porque, você sendo formado lá, podia dar aula de economia, pela legislação brasileira. Eu me obriguei a estudar, para poder dar aula de economia. E aí eu fiquei fazendo muita coisa.

Eu tenho mania de economia. O Mário Henrique Simonsen é engenheiro, tem muita gente: o [José] Serra é engenheiro. É um perigo, engenheiro-economista... O sujeito é matemático, é físico, é das ciências exatas; mas quando ele aprende qualquer besteira em economia, fica achando que aquilo é imutável. Você pega um Roberto Campos... Os caras quebram o país, mas não largam as ideias do que eles estudaram. É um perigo! (*Sérgio ri*) A economia é uma ciência social, não é uma ciência exata.

Mas então é o seguinte: em 1972, acabei assumindo aqui a Editora Paz e Terra, que era uma editora que havia sido fundada pelo Ênio Silveira, que tinha a Civilização [Brasileira], junto com um pessoal da Igreja católica, da protestante, um pessoal assim mais progressista; ficou uma editora separada. Mas o Ênio teve um problema econômico sério lá na Editora Civilização — botaram fogo lá na livraria dele e tal, ia quebrar a Paz e Terra. O filho dele era diretor, ia ficar falido, porque ele não tinha como segurar.

Aí então eu assumi a Paz e Terra. Paguei todas as dívidas, e o preço que paguei pela Paz e Terra foi o seu passivo, paguei o que ela devia. Aí, algumas coisas que estavam em andamento fui ler. Uma delas era um livro do Paulo Freire. Era o *Pedagogia do oprimido*. Estava composto, mas como a pressão era fortíssima, proibiram importar o livro, e em qualquer língua. Não queriam só que não se imprimisse o livro aqui no Brasil; não queriam deixar importar. Como fizeram com o livro do [Eduardo] Galeano, o *Veias abertas [da América Latina]*. De tudo isso era proibida a importação.

Eu resolvi publicar. Corri o risco de publicar, e não aconteceu nada. Naquela época, o pessoal estava mais preocupado era com coisas de alta, grande divulgação. Mais ou menos parecido com o [general Francisco] Franco na Espanha. O Franco deixava publicar marxismo, Marx e tal, à vontade. Agora, televisão, jornal que tinha maior tiragem, aí tinha censura. E acontecia aqui

também no Brasil isso. Publicamos o livro dele, sem problema inicialmente, mas correndo o risco.

Até teve um negócio interessante, um outro livro desse tipo, daquele deputado suíço, Jean Ziegler, que fez *A Suíça acima de qualquer suspeita*. Resolvemos publicar, mas como a polícia foi procurar o livro lá no Zahar — que publicava os livros de sociologia normalmente, porque ele é professor de sociologia —, aí o Zahar me ligou e falou: “Vieram aqui da polícia atrás do livro, e eu não vou publicar. Eu não publico livro mais político, e esse aqui é mais político, mas estou sabendo que você vai publicar. Você então toma cuidado que eles vão prender aí, apreender a edição”, e tal.

Então fiz a edição quietinho, e o problema é que, no fim, encalhou a edição, porque ficou secreta. Ninguém sabia, eu não distribuí para a imprensa, não fiz lançamento nenhum, e o livro ficou todo aí, o livro do Ziegler. Mas o livro do Paulo Freire não era o caso, porque ele já era conhecido. Publiquei com cuidado também, e distribuí o livro. Aí funcionou, deu certo, publicamos outros também, os livros todos, e então eu fiquei sendo o editor do Paulo Freire.

2. “NÃO TINHA CENSURA. O QUE TINHA ERA O SUJEITO APREENDER O LIVRO.”

SÉRGIO: Mas o *Educação como prática da liberdade* já não havia sido publicado quando você lançou o *Pedagogia do oprimido*?

FERNANDO: Não. Quem publicou os livros do Paulo Freire aqui fui eu. Ninguém publicou mais nada antes.

SÉRGIO: Qual foi o primeiro livro que você publicou dele?

FERNANDO: Acho que foi *Pedagogia do oprimido*. Tenho quase a certeza que sim.¹⁴

SÉRGIO: Você já conhecia pessoalmente o Paulo?

FERNANDO: Conhecia. Eu o tinha encontrado assim rapidamente no exterior, porque ele morava fora do Brasil. Eu morei fora rapidamente, por um tempo, e encontrei com ele. Depois que ele veio para o Brasil, eu passei a conviver com ele aqui. Quem conviveu até mais com ele foi o Marcus, meu filho. Ficou muito

amigo dele, da mulher dele — a Nita foi comer algumas vezes na casa dele galinha à cabidela, que ele fazia lá. Eu não cheguei a ir comer. Eu estive com ele no lançamento de um livro, de uma conferência que ele fez no Sesc Pompeia. Foi feita uma homenagem lá para ele, foi uma beleza!

SÉRGIO: Quando você publicou o livro *Pedagogia do oprimido*, houve algum problema com a censura?

FERNANDO: Não tinha censura de livro aqui no Brasil. O que tinha era o sujeito apreender o livro, ou então proibir a importação. Então eu publiquei o livro dele. Acho que apreensão de livro nunca houve, como na Espanha também. Teve uma vez um processo contra o José Aparecido e o Hélio Ramos, de uma editora que até era minha, a Editora Saga, que publicou as cartas do Guevara, ou um livro sobre o Guevara. Tocaram um processo pela Lei de Segurança Nacional contra os dois, até fui assistir ao julgamento. E eles foram absolvidos. Isso eu acompanhei bastante porque era acionista da Editora Saga.

SÉRGIO: Nessa época em que publicou o Paulo Freire, você já tinha publicado algum livro sobre educação?

FERNANDO: Não. A Paz e Terra tinha muito poucos livros publicados. Quando assumimos, estava bem no comecinho. Os livros mais importantes o Ênio publicava na Civilização. Na Paz e Terra eram mais livros sobre, por exemplo, problemas da dominação ocidental na Ásia, o de Pannikar, um hindu.¹⁵ Livros assim é que apareciam na Paz e Terra. Aí é que nós abrimos, publicamos o livro do Galeano, o *Veias abertas...*, que é um sucesso até hoje. É o livro que mais vendeu até hoje, aqui na Paz e Terra.¹⁶

Publicamos livros do pessoal da resistência na economia. Inclusive publicamos livros do [Pedro] Malan, desse pessoal todo que era contra o regime da ditadura. A Paz e Terra é que publicou as coisas do Malan na época, do Edmar Bacha, por exemplo, com Mangabeira Unger — fizeram um famoso livro chamado *Manga-Bacha*, que era um projeto e tal. Claro que era tudo diferente do que eles estão fazendo hoje no governo. Sobre a dívida externa...

3. ENGENHEIRO QUE FAZ EDITORA, PARTIDO QUE CABIA NUMA KOMBI, E OS TRÊS FERNANDOS.

SÉRGIO (*folheando as primeiras páginas da primeira edição do primeiro volume do Sobre educação*¹⁷): Aqui aparecem Antonio Candido, Celso Furtado, Fernando Gasparian, Fernando Henrique Cardoso. Como é que você compôs esse conselho editorial?

FERNANDO: Nunca se reuniu na verdade como tal. Éramos amigos, conversávamos um com o outro, batíamos um papo aqui e lá. Aí um sugeria um livro, o outro, um autor. Fizemos assim. A revista *Argumento*, não. Aí tinha reunião do conselho editorial, que era composto também pelo próprio Antonio Candido, o Paulo Emílio [Salles Gomes]...

SÉRGIO: Mas como é que apareceu essa ideia de você se lançar no mundo da edição? Um engenheiro que faz uma editora, como é que surgiu isso?

FERNANDO: Pura política. Por exemplo, quando acabei de me formar engenheiro, nós resolvemos fazer um evento sobre petróleo, aqui em São Paulo, para defender a Petrobras. E aí fundamos um... pegamos o *Jornal de Debates*, que tinha sido publicado pelo Passos Pimenta, e fizemos a fase paulista do *Jornal de Debates*. Então saiu o jornal, com o Luís Paiva, o Almino Afonso, o Marcus Pereira — um rapaz que depois foi trabalhar com um negócio de música —, por uns dois anos. Foi na época em que o Juarez [Távora] foi candidato a presidente contra o Juscelino [Kubitschek]. Até vem uma entrevista deles todos, no fundo, a favor da Petrobras. E aí a Petrobras se consolidou.

Porque, antes do golpe de 1964, quando o Getúlio [Vargas] se matou, em 1954, o pessoal queria acabar com a Petrobras. O [Carlos] Lacerda, aquele pessoal todo. Acontece que eles não conseguiram fazer isso, mesmo porque o Juscelino não entrou nessa, desde que ficou presidente em seguida, em 1956. Mas a ideia que eles tinham era essa. O suicídio do Getúlio deixou a direita tão alarmada que o golpe de 1964, que ia ser feito em 1954, acabou não saindo. Acabaram adiando por dez anos. Claro, foi a grande jogada política do Getúlio, a maior. Com a morte dele, ele atrasou dez anos o golpe.

Agora, quando chegou em 1964, eles não puderam fazer o que queriam fazer em 1954, porque, por exemplo, a Petrobras já estava consolidada. A Petrobras já tinha mostrado resultados. Inclusive o Geisel, que ficou na Casa Militar, era um nacionalista. Era um cara de direita, mas era um sujeito que achou que era importante manter a Petrobras, não deixou entregar. O Roberto Campos queria entregar, mas não teve forças para fazer isso.

SÉRGIO: Você, nessa época, estava ligado a que movimento? A que partido?

FERNANDO: Quando eu saí da escola, com um pessoal da formatura, nós entramos juntos para o PSB.

SÉRGIO: Isso em que época?

FERNANDO: 1953.

SÉRGIO: PSB: Partido Socialista Brasileiro.

FERNANDO: Entrou então o Almino, o Paiva — o deputado que mataram —, eu e o Adriano Branco, mais alguns que eram colegas nossos. Mas o partido era muito fraco: o partido cabia numa Kombi, como se falava na época. (*Sérgio cai na risada*) A reunião se fazia dentro de uma perua Kombi! E nós ficamos lá um tempo.

Mas aí fizemos esse *Jornal de Debates*, com essas pessoas mesmo. E comecei a trabalhar na indústria do meu pai — indústria têxtil. Fiquei com os meus amigos, convivendo com eles. Ah!, e fiquei em Jundiaí, onde eu tinha uma fábrica, até compramos um jornal — eu, o Pedreira e o Fernando Henrique, os três Fernandos — chamado *O Jundiaiense*, porque a gente pensava em fazer uma editora. Tinha umas máquinas antigas lá, podia importar máquinas quem era de jornal. Então a gente comprou o jornal, mas no fim acabou não fazendo.

O Pedreira e o Fernando Henrique, naquela época, trabalhavam na Difusão Europeia do Livro. Traduziam livros. E a gente conversava, convivia muito no fim de semana, batia papo. Então eu fiquei sempre meio assim ligado com editora. Quando chegou em 1963, um pouco antes do golpe militar...

Bom, aí eu entrei em política da indústria, fiquei aqui na Fiesp [Federação das Indústrias do Estado de São Paulo] como diretor, acabei presidente da Confederação Nacional da Indústria — CNI. O [Franco] Montoro ficou ministro do Trabalho, no parlamentarismo. Eles tinham feito uma intervenção lá — feita pelo Jânio [Quadros]. Aí os antigos, que tinham sido depostos pelo Jânio,

queriam voltar. Era um pessoal meio ligado ao Jango [João Goulart], mas um pessoal da corrupção e tal. O Montoro não queria se meter e me nomeou, me pôs lá. Como eu era presidente do maior sindicato patronal do Brasil, que era o têxtil — naquela época, o têxtil era maior que o da indústria mecânica, a indústria metalúrgica —, então assumi a Confederação Nacional da Indústria, em 1962. E acabei saindo na capa da *Visão*.

SÉRGIO (*lendo*): Revista *Visão*, semanal, 25 de maio de 1962.

FERNANDO: Não tinha a *Veja*, então.

SÉRGIO (*continua lendo a capa*): “Fernando Gasparian: liderança e novo estilo.”

FERNANDO: É que eu comecei a dar palpite, pela indústria, a favor de coisas mais progressistas. Por exemplo, enquanto fiquei na Confederação, passou a lei do décimo terceiro salário por minha causa: o Almino era líder no Congresso, e eu na Confederação. Em vez de a Confederação ficar contra, não ficou, não.

4. CONFUSÃO TREMENDA, “PARTIDO DE LADRÕES”, O VELHO ERMÍRIO E ARRAES, “UM SUJEITO SÉRIO”.

SÉRGIO: E você ficou até quando, na Confederação?

FERNANDO: Aí aconteceu o seguinte: eu fiquei lá, e em 1961 — quando o Jânio renunciou — inclusive essa matéria aqui (*apontando para a revista*) foi que me ajudou a ser indicado: o Jango quis me colocar no Ministério da Indústria e do Comércio. Eu ia entrar para o ministério do Tancredo [Neves]. Mas quando chegou julho de 1963, precisou se demitir todo aquele que fosse candidato a deputado. Aí o Tancredo mesmo renunciou, e só o Santiago Dantas é que topou ser ministro, para ser primeiro-ministro, porque ele não ia se candidatar. E não se candidatou, mas também o Congresso derrubou ele. Indicaram, enfim, o Brochado da Rocha, foi aquela confusão, e voltou o parlamentarismo.

Em 1962 me puseram para ser ministro da Indústria e Comércio. Mas aí houve uma confusão tremenda, porque a oposição... o *Estadão* fez um artigo contra mim (*ri*), apesar do Carvalho Pinto — que era governador — ter-me

apoiado e declarado que ele não indicava ministro, que quem fazia ministro era o Presidente da República e o primeiro-ministro, mas que, consultado, ele achava que seria ótimo, porque eu tinha trabalhado com ele aqui. Fui diretor aqui da Estrada de Ferro Paulista, quando ele encampou a estrada. Colocou o velho José Ermírio de presidente e me pôs como diretor financeiro. Aí eu convivi com o velho José Ermírio, e ajudei ele a ser eleito.

SÉRGIO: Quem, o Ermírio pai?

FERNANDO: É, o pai do Antonio Ermírio. Ele era um grande empresário aqui. Era um sujeito ótimo. Ele ajudou muito o Jânio na eleição, e o Jânio, quando ficou presidente, resolveu nomeá-lo embaixador na Alemanha. Quando foi o nome dele para o Senado, o Senado derrubou. Derrubou para futricar mesmo o Jânio, mas também porque ele era nacionalista. Nacionalista mesmo, defensor da Petrobras e tal. Aí ele ficou bravo. Ficou presidente da Paulista e me colocou como diretor financeiro. Eu tinha 31 anos. Estava na Confederação ainda, ao mesmo tempo, e fiquei nos dois lugares.

Aí o velho José Ermírio disse que ia se candidatar a senador por Pernambuco, pela UDN [União Democrática Nacional]. E eu falei: “O senhor não faça isso, seu José Ermírio. O senhor vai é perder a eleição! Qual é o significado disso? O senhor é um pernambucano que veio e fez sucesso em São Paulo. Ganhou dinheiro e vai comprar o mandato? Isso não combina com o senhor. O senhor é um nacionalista. Podia se candidatar é pelo PTB, lá com as forças populares da região, que é para ter significado, para combinar com a sua vida, com o seu pensamento.” Aí eu falei: “O senhor conhece o Arraes? O Arraes vai ser candidato a governador, pelo PTB.” E ele:

—Mas o PTB é um partido de ladrões! (*Sérgio cai na risada*)

—Concordo com o senhor. Concordo aqui em São Paulo, mas não lá em Pernambuco. Lá, o Arraes é um sujeito sério. O senhor conhece ele? Eu posso trazer ele aqui.

Então eu trouxe o Arraes para São Paulo e o apresentei a ele. Acertaram, e ele se elegeu senador. Mas se elegeu com uma campanha contra ele tremenda, porque o pessoal da direita ficou assustado. O capital estrangeiro, os americanos... O pessoal estrangeiro deu um dinheiro para o [João] Cleofas,

contra ele, que ele quase não aguentava. Quase que o velho José Ermírio quebra! Foi um negócio interessante, e ele se elegeu senador.

Depois, quando o Jango me indicou para o Conselho Nacional da Economia, no fim de 1963, o pessoal da direita lá no Senado queria me derrubar. Quase me derrubam! Mas eu fiquei no Conselho Nacional da Economia. Quiseram me colocar no Ministério do Comércio, outra vez. Já tinham voltado ao presidencialismo, o Jango ia fazer uma reforma no ministério, e resolveu outra vez me pôr nesse ministério. Aí houve o golpe, e esse ministério não chegou a se fazer. Foi o golpe de 1964.

E eu fiquei numa situação difícil. Como tinha aberto um pouco o jogo — uma posição progressista, nacionalista, mesmo estando na indústria —, perdi apoio na área industrial. A campanha ficou forte. Entraram na minha casa aqui em São Paulo, eu mudei para o Rio até. No Rio, acabei assumindo lá uma editorazinha, a Editora Saga. Comprei, para colocar o José Aparecido, que tinha sido cassado, e o Hélio Ramos, que tinha sido cassado também. E eles ficaram tocando lá a editora. Eu sempre andei um pouco ligado à editora.

5. PAULO FREIRE? “EU NÃO ERA TÃO ENGAJADO.” FERNANDO HENRIQUE E O PT: “UM CASO SÉRIO.”

SÉRGIO: E quanto ao Paulo Freire, quando você começou a publicar os livros dele: com relação à situação política da educação no Brasil, você chegou a acompanhar de perto? Ou era uma coisa assim mais distante, o seu relacionamento com toda essa área de educação?

FERNANDO: Era através dos professores da área acadêmica que eu conhecia, da USP [Universidade de São Paulo], e pelo Paulo Freire. Confesso até que eu não era tão engajado. Eu não convivi tanto com o Paulo Freire como gostaria, porque fiquei morando no Rio e ele morava em São Paulo. Ou então ele estava no exterior, naquela época do exílio dele. Eu acompanhei um pouco a educação assim, não acompanhando bem a luta interna — que o Paulo Freire claro que acompanhou — e as pessoas todas dessa briga.

SÉRGIO: Quando você vê o surgimento do PT [Partido dos Trabalhadores], já no final dos anos 1970, com a abertura, início dos anos 1980, e o Paulo volta para o Brasil e também...

FERNANDO: ...entra no PT...

SÉRGIO: ...conhecendo a situação política no Brasil, como você conheceu, como é que você analisa a evolução de uma política como a do PT, por exemplo, e, portanto, de uma política de educação que era aquela defendida pelo Paulo, na linha do PT, e o desenvolvimento da política que leva o Fernando Henrique Cardoso, o PSDB [Partido da Social-Democracia Brasileira] ao poder? Como é que você vê as diferenças entre essas visões de esquerda?

FERNANDO: Vejo o seguinte: por exemplo, o nosso caso. Nós fizemos um jornal, o *Opinião*. E todo mundo entrou no jornal *Opinião*, porque todo mundo que era da oposição ficou a favor do jornal. Aí, quando, em 1977, o jornal fechou — porque mantiveram a censura só no *Opinião*, e nos outros jornais ficou livre para as pessoas escreverem — pessoas como o próprio Fernando Henrique não queriam escrever, porque queriam ficar solidárias comigo. E eu disse:

— Não, eu não sou profissional disso. Nós vamos fechar. A *Folha [de S. Paulo]* ia publicar um artigo que eu publicaria, mas que a censura cortava no *Opinião*, então deixa a *Folha* publicar! Ela não publicava antes porque estava numa linha bem-comportada, de autocensura. Agora que também está livre lá, publica!

Então eu parei o jornal, porque ainda havia censura. Eu podia pegar coisas de outros jornais, a censura cortava. O que saía em outro jornal a censura cortava no nosso. Publiquei um último número e parei. Nessa altura até voltei para São Paulo. Aí o José Gregori fez uma reunião na casa dele. Fez um jantar, em homenagem a mim, e queriam que eu fosse candidato a senador, aqui por São Paulo. Mas, no fim, acabou que o Fernando Henrique seria o candidato a senador, porque ele era realmente a pessoa que, no *Opinião*, estava escrevendo mais, mais politicamente. A linha dele era assim, do que ele escrevia contra a ditadura. Não contra o consumo, por exemplo, mas a favor do crescimento econômico. Quer dizer: o Fernando Henrique estava mais em evidência, e então ele ficou como candidato.

E o pessoal do PT pensava que ele fosse para o PT, mas ele não foi. Apoiaram a candidatura dele para senador, inclusive o Lula, e tudo o mais. Quando acabou a campanha, em que ele ficou suplente, teve uma votação grande: dois milhões e tantos mil votos, e praticamente era voto que veio do PT. O Montoro teve quatro, ele teve dois e tanto, e ganharam do [Cláudio] Lembo, que teve um milhão e pouco. A sublegenda existia. Aí o pessoal queria que ele fosse para o PT, e ele não foi. Ficou no PMDB [Partido do Movimento Democrático Brasileiro]. O [Francisco] Weffort foi, ficou secretário-geral. E as pessoas que eram do *Opinião* ou da revista *Argumento* se dividiram: alguns foram para o PT, outros ficaram no PMDB, como o Fernando Henrique.

Em questões de educação, vi, por exemplo, a reação que houve no PT contra o Paulo Freire, que foi forte. O pessoal não apoiava ele à vontade, não. Isso aí é bobaginha de gente que é mais partidista, e tal, e isso o partido tem até hoje. O PT é um caso sério. Não gostam de quem tem voto, de quem é popular. Fazem campanha contra o Plínio Sampaio. Agora a Marta [Suplicy] aqui vai sofrer com esse pessoal, como a [Luiza] Erundina sofreu também.

6. A PROMESSA DE JANGO A KENNEDY E “UMA ESPÉCIE DE FERNANDO BOM SENSO”.

SÉRGIO: E como é que se explica, por exemplo, que quando o Fernando Henrique chegou ao poder, ele não levou em consideração as ideias do Paulo para a educação? Como é que você explica isso?

FERNANDO: Não é só em educação, é em tudo. Na verdade, é o seguinte: o Fernando Henrique não tinha vocação para se suicidar como o Getúlio, ser deposto como o Jango, ou querer dar o golpe como o Jânio. Então ele ficou comportado. O [Bill] Clinton, por exemplo, deu um aperto nele, com o negócio do Sivam;¹⁸ aí ele fez o negócio do Sivam logo, não teve conversa.

Eu conversei com o João Goulart, no fim de tudo, depois que ele estava no Uruguai. Eu tinha sabido disso antes, pelo [Raul] Riff, que era o homem de imprensa dele: logo que ele aceitou ficar presidente sem os poderes de presidente,

ele foi o *João Bom Senso*. Você não lembra disso, era muito pequeno, mas era o Herbert Levi, a UDN, todo mundo em volta dele. Levaram ele para falar com o [John] Kennedy, ele manteve o Roberto Campos como embaixador do Brasil em Washington. Roberto Campos foi embaixador do Jango até o fim do governo. Aí ficava: “Ele é amigo dos americanos, e vai conseguir as coisas que se precisa” e tal.

E o Jango foi indo, até que chegou numa certa altura em que fizeram ele prometer que compraria as companhias elétricas do serviço público americano no Brasil. Na época, eles resolveram que o governo brasileiro tinha que comprar, tinha que estatizar. Agora é o contrário, agora tem que privatizar. Então todos os países da América Latina fizeram, não foi só o Brasil, não. Aliás, o Brasil foi o que resistiu. Estiveram lá com o Jango, e o Jango prometeu que compraria: a America Foreign Power, a Companhia do Recife, todas as companhias de energia elétrica. Não era desapropriar, não, era comprar.

Passou um pouco de tempo, e o pessoal abriu uma CPI [Comissão Parlamentar de Inquérito] na Câmara contra a compra. Passou mais um pouco de tempo, e o Kennedy mandou o Bob Kennedy, o irmão dele, cobrar do Jango. Desceu aí em Brasília o Bob Kennedy para cobrar. E o Jango falou: “Olha, aquilo não deu ainda. Tem uma CPI aí, está todo mundo criticando, achando que é mau negócio para o Brasil. Espere um pouco mais que eu vou ver se cumpro a minha promessa.” E ele mandou o Peter Salinger, que era o homem de imprensa do Kennedy, para cobrar também. O Jango disse a mesma coisa.

Depois morreu o papa João XXIII. O Jango foi ao enterro, ele era católico, e o Bob Kennedy foi também. Eles se encontraram na embaixada americana, na Via Veneto, lá em Roma. O Riff assistiu e me contou. O Kennedy perguntou: “E então?” E o Jango: “Eu não tenho condição, porque o líder da direita no Brasil, que é o Carlos Lacerda, já disse que vai no mesmo palanque fazer uma campanha junto com meu cunhado, o [Leonel] Brizola, para condenar esse negócio, que é um negócio ruim para o Brasil. Então eu não tenho condição política de fazer isso, e é por isso, justamente, que eu queria dizer para o senhor que estou retirando a minha promessa. O senhor precisa entender isso.” E o Kennedy: “Olha, o senhor está dizendo isso, mas o senhor não conhece esse pessoal de

energia elétrica, é terrível. Mas, está bem, então o senhor não compre, e pode contar comigo.”

Então, me falou o Jango: “Eu saí de lá satisfeito. Foi em junho. Quando chega novembro, matam ele. Esse pessoal mesmo é que matou ele. Aí eu falei: bom, agora não tem jeito mais, me preparei, e resolvi sair sem pôr o país em revolução nenhuma.” Aconteceu isso. Quer dizer, o Fernando Henrique não quer fazer isso.

SÉRGIO: É uma espécie de Fernando *Bom Senso*?

FERNANDO: É. Bom Senso. Então vai indo, ele é de consenso, ele junta lá os caras... “As pessoas que estão lá não foram eleitas, é você quem foi eleito. Por acaso as pessoas que estão lá passando na sua mesa são as pessoas que você escolheu, por critérios diferentes. Não foi o povo quem escolheu, então o consenso deles não importa. Essa coisa de você querer governar com o consenso das pessoas não funciona. Funcionava, por exemplo, quando você era o diretor do Cebrap [Centro Brasileiro de Análise e Planejamento], que todo mundo era dono. Então você foi hábil.”

Eu fui tesoureiro do PMDB. Quando se fazia reunião, estavam lá o [Alberto] Goldman, a Ruth Escobar, o José Aníbal... “Esse pessoal todo ali, cada um falava uma coisa, e você ia por consenso, e você foi muito hábil também, você fazia todo mundo trabalhar muito. Mas agora não. Agora você demite os caras todos, se você quiser! Agora é diferente.”

SÉRGIO: Vocês têm ainda contatos frequentes?

FERNANDO: Tenho, sim. Segunda-feira passada eu estive com ele. E estou querendo ver se ele compra a ideia: “Fernando, eu vou usar aqui um termo do nosso tempo de estudante, do tempo da campanha do petróleo e tal. Você vai sair do governo com a imagem de entreguista, a palavra é essa. Você precisa fugir disso, rapaz! Vê se nesses últimos dois anos você dá uma virada nisso. E até, como você conseguiu uma imagem de uma pessoa assim... você não é um incendiário, é um sujeito inteligente, fala línguas, todo mundo aí considera você, você tem um alto conceito nos países do Primeiro Mundo. Você podia pegar o Malan agora e mandar lá no Fundo Monetário e dizer: ‘Eu fiz um acordo que não está dando. A miséria está grande, está subindo, nós não temos condições de tocar o país desse jeito. Então vamos reformular isso aqui. Não deu certo.’ E tem

que ser uma pessoa como o Malan, que foi quem fez o acordo, e pode desfazer e fazer um outro. Porque, inclusive, todo mundo hoje em dia acha que globalização, neoliberalismo, foi bom para os ricos, mas não é bom para os países pobres. E aí você se coloca como líder desses países pobres, porque está todo mundo sofrendo com isso.”

SÉRGIO: E qual foi a reação dele?

FERNANDO: Ele ouviu. Engraçado é que, comigo, ele ouve e não se ofende. Eu falo barbaridades para ele (*riem*) e ele não se ofende. Ele sabe que já começou a fazer um pouco disso. Ele esteve na França há pouco tempo e foi criticando o mercado: que o mercado não é a última palavra, que não é ele que resolve, não. O Estado tem um papel importante ainda. Querem acabar com o Estado. Estado zero. Que Estado zero? Num país como o Brasil, o Estado é fundamental, e ele está falando isso, agora. Falou isso lá há pouco tempo, com o [Jacques] Chirac, na França.

Por exemplo, não está vendendo a Petrobras, não vai vender a Petrobras. Não vai vender o Banco do Brasil. Eu falei com ele: “Você lembra do Getúlio? Chegou uma hora em que ele apresentou um projeto da Petrobras que a gente achava que era entreguista. Nós fizemos campanha contra o Getúlio, nessa época. Aí fizeram uma emenda, que dizem que ele apoiou por trás — e deve ter apoiado mesmo, porque ele estava querendo fazer uma coisa melhor — que modificou a Petrobras. Ele não queria que tirassem a bandeira dele do nacionalismo.”

E eu falei: “Não deixa tirar a bandeira da sua mão também, rapaz! Dá uma virada aí, calma, com jeito. Reforça a Petrobras: está funcionando bem, está dando resultados, está indo bem. Daqui a pouco o Brasil fica autossuficiente em petróleo, não é? Está chegando perto. Dá uma mudada nesses seus últimos dois anos...”

E ele está um pouco nessa linha. Você viu que ele está contra a Alca [Área de Livre Comércio das Américas], não é? É que a Alca acaba com o Brasil. Agora, o que atrapalha é que ele não tem o respaldo dos outros países da América Latina.

7. “SE CONTINUAR NESTA LINHA, O PAÍS VAI SER UMA ÍNDIA!” MAS “E O LULA?”.

SÉRGIO: Fernando, você que vem de um passado de defesa dos interesses nacionalistas, da esquerda, defendendo os interesses do Brasil, qual é a visão que você tem do futuro, neste momento, da forma como as coisas estão acontecendo, dessa globalização, do neoliberalismo?

FERNANDO: Acho que, se continuar nessa linha, o país vai ser uma Índia, ou um país assim sem maior importância, porque as decisões não vão ser tomadas mais aqui. Por exemplo, querem inventar um Banco Central independente. Aí vamos ter dois governos aqui no Brasil: vai ter o Banco Central, um governo; e o presidente, outro governo, que vai ser um banana, que não vai ter onde atuar. O que um presidente pode fazer para fazer o país crescer? Ele precisaria usar a Petrobras para investir, a própria Vale do Rio Doce, que não é mais dele... O que o país cresceu nesses últimos anos? Como é que faz o Fernando Henrique com a Petrobras? Não deixa subir o petróleo aqui, o preço aqui dentro, para a indústria ficar viável. A indústria, o transporte, a produção agrícola. Ele não deixou subir o preço do petróleo como subiu o preço da energia elétrica e do telefone — porque é privado, os caras tocam pra cima!

O Brasil ainda não acabou, ainda tem indústria, o que não é o caso da Argentina. A Argentina já acabou com toda a indústria. Vamos ver o que é que acontece. Agora é um momento decisivo: se o país, por exemplo, entrar na Alca e eger um presidente como o Serra, estará perdido.

SÉRGIO: E o [José Inácio] Lula [da Silva]?

FERNANDO: Eu só tenho medo de ele ficar o Lula *Bom Senso*, de se acalmar até o Lula também. Porque não é brincadeira, rapaz, ser presidente de um país como o Brasil. Quando estive com o Fernando Henrique noutro dia ainda, falei sobre isso: “Fernando, você precisava botar esses ministros aí? Você se elegeu com tamanha popularidade que podia pôr quem você quisesse. Não tinha a ver ACM [Antonio Carlos Magalhães], não tinha a ver ninguém.”

E ele, para mim: “Você está enganado, Fernando. Veja o seguinte: o Getúlio foi derrubado em 1945 porque não tinha apoio no Congresso. O Dutra ficou no

governo sem problemas porque houve um acordo da UDN com o PSD [Partido Social-Democrático], e foi lá que fizeram a política do Fundo Monetário e tudo o mais, não é? Aí veio o Getúlio, e se matou, porque não tinha apoio no Congresso. O Juscelino, para ter apoio no Congresso, foi mal e mal, puxou para cá, puxou para lá, e conseguiu acabar o governo dele, mas com muita dificuldade, fazendo algumas concessões: deixou entrar a indústria automobilística, houve uma porção de indústrias aí que entraram com vantagens. Mas segurou a Petrobras. Aí veio o Jânio. Não tinha apoio no Congresso, caiu. O Jango, a mesma coisa, acabou caindo. Quer dizer, eu precisava ter apoio no Congresso... Então, arrumei uma maioria fazendo as concessões que precisava fazer aí, não é?”

O negócio é esse mesmo. O sujeito tem que ter vocação para Getúlio, se ele quiser enfrentar essa tendência.

8. A EDUCAÇÃO NO BRASIL HOJE? CAÇA-NÍQUEIS, “UMA VERGONHA!”.

SÉRGIO: Fernando, para terminar: olhando para trás, como pessoa, como intelectual e homem de ação, e depois de tudo que já foi dito e escrito pelo Paulo Freire e outros tantos, qual é a sua visão hoje sobre os problemas da educação no Brasil?

FERNANDO: O que eu acho grave agora é o seguinte: o Paulo Renato [ministro da Educação do governo Fernando Henrique] até que fez boas coisas, é um sujeito honesto. Mas privatizaram o ensino superior, isso é uma vergonha! Fizeram uma porção de caça-níqueis por aí, porque deixaram fazer, estão deixando.

Outra coisa: eu também fui constituinte; a verba que gastam com o ensino superior é alta demais, com relação ao ensino básico. Não têm dinheiro para a escola primária, apesar das porcentagens... Os municípios têm que gastar uma porcentagem com a educação, mas, no fundo, mais da metade do dinheiro vai para o ensino superior, o que é uma coisa discutível.

E o pessoal que é progressista fica montado nesse negócio também — aqui entre nós —, e a universidade no fim não ensina: o pessoal que dá aula não vai,

está sem ânimo. O pessoal quer saber é de salário... Além disso, a universidade custa muito caro, podia ser muito mais barata. É muito burocrática. E esse negócio de eleição, por exemplo, de funcionário votar igual a professor, umas teses aí — umas bobagens, aqui entre nós —, acho que isso não está ajudando, não.

E essas coisas, quando vão, não voltam mais. É como chave de catraca: você aperta e, quando você faz assim, ela não desaperta. Fica só apertando. Se você vai aumentando o salário das pessoas, depois não pode baixar mais. E, se baixar, também, cria desânimo. Então, realmente, o custo do ensino superior no Brasil é muito alto e está muito mal distribuído. A pesquisa não está funcionando como deveria, tem pouca verba para a pesquisa. Quer dizer: comparado com alguns países, como a Coreia, a Malásia, a Índia, a Ásia tem muito a ensinar ao Brasil. Eu não sou especialista nisso, não, mas a gente sente que esses países estão formando mais pessoas de curso superior, mais até que os Estados Unidos, que também não estão indo muito bem, não, nessa área da educação.

SÉRGIO: É importante você dizer tudo isso, mesmo não sendo especialista. Aliás, na educação, é importante que a gente mantenha mesmo uma certa generalidade. Eu não acredito muito nessa história de que são os especialistas na educação é que resolvem, não.

9. MILHÕES DE ANALFABETOS, UM CRIME HEDIONDO E O LIVRO QUE MAIS VENDE

SÉRGIO (*quatro anos depois, Sérgio Guimarães volta a entrevistar Fernando Gasparian, completando o último trecho de sua entrevista*): Eu gostaria de voltar atrás a respeito da minha última pergunta, que pretendia associar a sua visão da educação no Brasil às ideias de Paulo Freire. Você acabou não respondendo a ela diretamente.

FERNANDO: É que eu não tenho uma opinião sobre as ideias do Paulo Freire e a execução delas.

SÉRGIO: Certo. De qualquer forma, no geral, eu penso que você já deu uma visão muito boa sobre os problemas da educação no Brasil. Eu concordo

inteiramente com você. E estou vendo agora que, mais uma vez, nós estamos fazendo, por exemplo, reforma do ensino superior no país, e que, de novo, como prioridade, o que está se discutindo é o ensino superior. No fundo, os problemas básicos da educação primária, de qualidade da educação, não estão sendo enfrentados.

FERNANDO: Exatamente. Inclusive na universidade só tem gente rica, porque, por exemplo, para poder passar no vestibular numa boa universidade pública, o cara tem que fazer cursinho, e só quem tem dinheiro é que consegue entrar na USP [Universidade de São Paulo], o que tem de carro lá não é brincadeira, porque só rico entra na USP. O povão não consegue entrar.

SÉRGIO: Claro! Também, com o nível de ensino básico e de ensino médio que há! Mas antes de terminar eu gostaria de voltar a um outro ponto que você havia levantado anos atrás, a respeito do livro que mais vendeu na Paz e Terra: você disse que era o *Veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano. Não é o...

FERNANDO: *Pedagogia da autonomia*? É um livro que o Paulo Freire escreveu para ter uma grande divulgação, com uma edição popular. Vendeu já mais de 650 mil!¹⁹

SÉRGIO: Já ultrapassou, portanto, o Eduardo Galeano?

FERNANDO: Tranquilamente! O Galeano vendeu uns 300 mil, acho. O que mais vende na Paz e Terra hoje é o *Pedagogia da autonomia*, que não é o livro mais antigo. O *Pedagogia do oprimido*, que é o mais famoso, vendeu uns 100 mil. O *Pedagogia da autonomia* é realmente um sucesso, inclusive porque ele teve o talento de escrever para vender muito mesmo. Deu certo, e o preço ajudou também.

Notas

13 Diálogo gravado em Janeiro de 2001, na sede da Editora Paz e Terra, em São Paulo. Um breve reencontro quatro anos depois, em 7 de Janeiro de 2005, permitiu esclarecer com Gasparian umas poucas dúvidas e acrescentar alguns parágrafos à parte final da nossa conversa (ver adiante).

14 *Aí quem tem razão sou eu. O Educação como prática da liberdade* saiu mesmo antes, em 1967, pela Paz e Terra. Já a primeira edição brasileira do *Pedagogia do oprimido* saiu em 1974.

15 Trata-se de Raymond Pannikar. De acordo com o historiador brasileiro Jorge Barcellos, “a luta da Ásia contra a dominação estrangeira foi o tema de *A dominação ocidental na Ásia*. ‘E oriente lux’: da Ásia veio a luz do mundo, de autor desconhecido, resume bem o significado de sua obra. A expressão, lembrada por Otto Maria Carpeaux na introdução do livro, significa que a Ásia é o berço do mundo: berço da religião judaico-cristã, do islamismo, zoroastrismo, hinduísmo, budismo, enfim, de todas as religiões universais. (...) Seu livro cobre um período de 450 anos, compreendido entre a chegada de Vasco da Gama, em 1498, e a retirada, em 1947, das forças britânicas da Índia, e, em 1949, dos navios europeus da China. Foi a primeira vez que um historiador asiático se propôs a compreender e expor 450 anos de atividade europeia na Ásia.” www.terravista.pt/AguaAlto/2158/PANIKKAR.htm (verificado em 2008. A página hoje não existe mais. [N.E.]

16 A esse respeito, ver a seguir a atualização feita por Gasparian no item 9, quanto ao livro de maior vendagem na Editora Paz e Terra.

17 Para as edições de 2011, optou-se por trabalhar cada livro de forma independente. Dessa maneira, *Sobre a educação: diálogos I* tornou-se *Partir da infância: diálogos sobre educação*. [N.E.]

18 Sistema de Vigilância da Amazônia, definido num site oficial do governo brasileiro (www.sivam.gov.br [verificado em 2008. A página hoje não existe mais. N.E.]) como “uma rede de coleta e processamento de informações (...) obtida por cada órgão governamental que trabalha na Amazônia”. A autorização para a assinatura do contrato comercial com a empresa norte-americana Raytheon foi dada por Fernando Henrique Cardoso, então presidente da República, em 27 de maio de 1995.

19 Em setembro de 2007, o número de exemplares vendidos subia a 1 milhão.

ANEXOS

RECIFE SEMPRE

CIDADE bonita²⁰

Cidade discreta
Difícil cidade
Cidade mulher.
Nunca te dás de uma vez.
Só aos pouquinhos te entregas
Hoje um olhar.
Amanhã um sorriso.
Cidade manhosa
Cidade mulher.
Podias chamar-te Maria

Maria da Graça

Maria da Penha

Maria Betânia

Maria Dolores.

Serias sempre Recife.

Com suas ruas de nomes tão doces:

Rua da União, que Manuel Bandeira tinha “medo que se chamasse rua Dr. Fulano de tal” e que temo que se passe chamar rua Coronel Fulano de Tal.

Rua das Creoulas

Rua da Aurora

Rua da Amizade

Rua dos Sete Pecados.²¹

Podias chamar-te Maria

Maria da Esperança

Maria do Socorro

Maria da Conceição

Maria da Soledade.

Serias sempre Recife.

Teus homens do povo

queimados do sol

gritando nas ruas, ritmadamente:

“Chora menino pra comprar pitomba!”

Eu tenho lã de barriguda pra trabiceiro!

Doce de banana e goiaba!

Faz tanto tempo!

Para nós, meninos da mesma rua,

aquele homem

que andava apressado

quase correndo

gritando, gritando:

Doce de banana e goiaba,

aquele homem era um brinquedo também.

Doce de banana e goiaba!

Em cada esquina, um de nós dizia:

Quero banana, doce de banana,

Sorrindo já com a resposta que viria.

Sem parar,

sem olhar para trás,

sem olhar para o lado,

apressado, quase correndo,

o homem-brinquedo assim respondia:

Só tenho goiaba.

Grito banana porque é meu hábito.

Doce de banana e goiaba

Doce de banana e goiaba

Continuava gritando, andando apressado,

sem olhar para trás,

sem olhar para o lado,
o nosso homem-brinquedo.

Foi preciso que o tempo passasse,

que muitas chuvas chovessem,
que muito sol se pusesse,
que muitas marés subissem e baixassem,
que muitos meninos nascessem,
que muitos homens morressem,
que muitas madrugadas viessem,
que muitas árvores florescessem,
que muitas Marias amassem,
que muito campo secasse,²²
que muita dor existisse,
que muitos olhos tristonhos eu visse,
para que entendesse
que aquele homem-brinquedo

era o irmão esmagado

era o irmão explorado

era o irmão ofendido

o irmão oprimido

proibido de ser.

Recife, onde tive fome

onde tive dor

sem saber por quê,

onde hoje ainda

milhares de Paulos,²³

sem saber por quê,

têm a mesma fome

têm a mesma dor,

raiva de ti não posso ter.

Recife, onde um dia tarde

com fome, sem saber por quê

pensei tanto, sem saber por quê²⁴

nos que não comiam

nos que não vestiam

nos que não sorriam

nos que não sabiam

o que fazer da vida.

Pensei tanto sem saber por quê,²⁵

nos deserdados

nos maltratados

nos que apenas se anunciavam,

mas que não chegavam.

Nos que chegavam,

mas não ficavam

nos que ficavam,

mas não podiam ser.

Nos meninos

que já trabalhavam

antes mesmo de nascer.

No ventre ainda, ajudando a mãe

a pedir esmolas

a receber migalhas.

Pior ainda:²⁶

a receber descaso de olhares frios.

Recife, raiva de ti não posso ter.

Recife, cidade minha,

já homem feito
teus cárceres experimentei.

Um dois três quatro

quatro três dois um.

Direita, esquerda

esquerda, direita²⁷

pra frente, pra trás

apitos, acerta o passo

soldado não pensa

um dois três quatro

quatro três dois um

direita esquerda

alto! Direita, esquerda

soldado não pensa!

Recife, cidade minha,

já homem feito
teus cárceres experimentei

o que queria

o que quero

e quererei

é que os homens,²⁸ todos os homens

sem exceção²⁹

possam pensar

possam agir

possam o mundo transformar.

O que queria

o que quero

e quererei

é que os homens, todos os homens

possam comer

possam vestir

possam calçar

possam criar

e que os meninos

não tenham fome

não tenham dor.

Possam brincar

possam sorrir

possam cantar

possam amar

e amados possam ser.

Recife, cidade minha,

já homem feito
teus cárceres experimentei.

Neles fui objeto

fui coisa

fui estranheza.

Quarta-feira, quatro horas da tarde.
O portão de ferro se abria.

Hoje é dia de visita.

Em fila!

Punirei aquele que trazer um chocolate, ao menos.

Revistarei a todos.

Com voz áspera, dizia um pobre-diabo

Em quem o posto era maior que o homem.³⁰

Marchávamos³¹ descompassados sem cadência

até as esposas feridas

as mães aflitas

os filhos assustados.

Nestes encontros,³² algo novo descobri

frente a Elza

e as Marias

filhas nossas

muita palavra tinha pra dizer

muita coisa a perguntar

muita esperança pra afirmar,

mas também muita fome para matar.

E trinta minutos para tudo.

Nestes encontros,³³ algo de novo descobri:

palavras e pedaços de comida

também podiam se chocar.

Recife, cidade minha,

já homem feito
teus cárceres experimentei
“Capitão, quando esse doutor
disser Criador, referindo-se a Deus,
escreva com c pequeno!
Criador com C grande é somente o meu.”
O coronel, dono do mundo
dono dos presos
de Deus queria ser dono também.
Pequeno coronel aquele
pequeno homem aquele.³⁴
Queria fazer de Deus cabo da guarda
ou bagajeiro seu,
ou Capitão do mato
que o ajudasse a caçar subversivos.

Recife, cidade minha,

já homem feito,
teus cárceres experimentei.
Vivi silêncios³⁵
isolamentos vivi.
Morei horas numa espécie de caixão
um metro e setenta de comprimento
sessenta centímetros de largura
paredes frias
paredes ásperas
Escuridão.

Vivi tranquilo

dormi tranquilo
de nada me arrependi.
Recife, cidade minha,
já homem feito
teus cárceres experimentei.
Um dois três quatro
quatro três dois um
os homens aprendendo a não ser homens.

O relógio de minha casa também dizia

um dois três quatro
quatro três dois um
mas sua cantiga era diferente.³⁶
Assim cantando
O tempo dos homens apenas marcava.³⁷

Recife, cidade minha

em ti vivi infância triste
adolescência amarga em ti vivi.

Não me entendem

se não te entendem

minha gulodice de amor

minha esperança de lutar

minha confiança nos homens

tudo isto se forjou em ti.³⁸

Na infância triste

na adolescência amarga.

O que penso

o que digo

o que escrevo

o que faço

tudo está marcado por ti.³⁹

Sou ainda o menino

que teve fome

que teve dor

sem saber por quê.

Só uma diferença existe

entre o menino de ontem

e o menino de hoje,

que ainda sou:

sei agora por que tive fome

sei agora por que tive dor.

Recife, cidade minha,⁴⁰

se alguém me ama
que a ti te ame.
Se alguém me quer,
que a ti te queira.
Se alguém me busca,
que em ti me encontre:

nas tuas noites

nos teus dias

nas tuas ruas

nos teus rios

no teu mar

no teu sol

na tua gente

no teu calor

nos teus morros

nos teus córregos

na tua inquietação

no teu silêncio

na amorosidade de quem lutou

e de quem luta

de quem se expôs

e de quem se expõe

de quem morreu

e de quem pode morrer

buscando apenas

cada vez mais

que menos meninos

tenham fome e

tenham dor

sem saber por quê.

Por isto disse:

Não me entendem

se não te entendem,

o que penso

o que digo

o que escrevo

o que faço

tudo está marcado por ti.

Recife, cidade minha,

te quero muito, te quero muito.⁴¹

Paulo Freire
Santiago, fevereiro 69

Notas

20 A versão que Paulo havia concordado em publicar pela primeira vez, no livro *Aprendendo com a própria história*, começa diferente:

De Santiago te escrevo, Recife,
para falar de ti a ti,
para dizer-te que te quero
profundamente que te quero.

Cinco anos faz que te deixei —
manhã cedo — tinha medo de olhar-te,
tinha medo de ferir-te,
tinha medo de magoar-te.
Manhã cedo — palavra não dizia.
Como dizer palavra se partia?

Tinha medo de ouvir-me,
tinha medo de olhar-me,
tinha medo de ferir-me.

Manhã cedo — as ruas atravessando,
o aeroporto se aproximando,
o momento exato chegando,
mil lembranças de ti me tomando
no meu silêncio necessário.

De Santiago te escrevo,
para falar de ti a ti,
para dizer-te de minha saudade, Recife.
Saudade mansa — paciente saudade,
saudade bem-comportada.
Recife, sempre Recife,
de ruas de nomes tão doces:...

21 Os cinco versos seguintes não fazem parte da versão anteriormente publicada.

22 Na versão anteriormente publicada: “que muitos campos secassem.”

23 Em vez de “milhares de Paulos”, a versão publicada trazia “tantos, terrivelmente tantos”.

- 24 Esse segundo “sem saber por quê” não aparece na versão publicada.
- 25 Esse terceiro “sem saber por quê” também não aparecia.
- 26 Em vez de “Pior ainda: / a receber descaso...”, vinha apenas “também descaso...”.
- 27 Na versão publicada, Paulo não pôs os versos “Direita, esquerda / esquerda, direita”.
- 28 Na versão publicada, “homens”, em vez de “os homens”.
- 29 Esse verso não apareceu na versão anterior.
- 30 Na versão antes publicada: “Com voz áspera dizia / um de nossos ‘proprietários’ — / um homem menor do que o seu posto.
- 31 “Marchávamos então descompassados” era o que constava.
- 32 “Naqueles encontros.”
- 33 Id.
- 34 Em vez de “Pequeno coronel aquele / pequeno homem aquele”, vinha “Rico coronel aquele! / Pobre homem aquele!”
- 35 Na versão publicada, “silêncio”.
- 36 Nesse verso, “sua cantiga era diferente” vinha entre aspas.
- 37 Na versão publicada: “dos homens apenas o tempo marcava”.
- 38 Lia-se antes: “minha esperança na luta, / minha confiança nos oprimidos, / tudo isto se forjou em mim, / nas minhas relações contigo.”
- 39 Na versão antes publicada: “O que faço, / o que penso, / o que digo, / o que escrevo, / tudo está marcado de ti.”
- 40 Esse verso aparecia como: “Recife, cidade minha, proclamo alto:”.
- 41 Na versão anteriormente publicada, os versos finais eram: “o que faço, / o que penso, / o que digo, / o que escrevo, / tudo está marcado de ti. / Recife, cidade minha, / de Santiago te escrevo, / para dizer-te que te quero / profundamente, que te quero. / Santiago, fevereiro 69.”

A PEDAGOGIA DO CHINELO⁴²

FECHE OS OLHOS por alguns instantes. Não já, claro, senão não vou conseguir nem passar a proposta de exercício. Sugiro que você o comece assim que eu disser “já”, mais adiante.

Tente se lembrar de você como criança. “Que é que cê tá fazendo aí?” Pense em você fazendo alguma coisa errada, em casa ou na escola, tanto faz. O que é que aconteceu? Lembra da cara da sua mãe ou do gesto do seu pai? O que foi que a professora fez? Procure se lembrar também de como é que você se sentiu. Quanto tempo dura o exercício? O necessário para você encontrar as imagens na memória e pensar um pouco sobre elas. Vamos lá, pode começar. Já!

* * *

E aí, apanhou? Foi chinelada ou foi com cinto? Tapa na bunda? Na cara?! Fio de ferro de passar nas pernas, tamancada, beliscão, puxão de orelha, de cabelo, safanão, cabeçada na parede, murro na cabeça, pontapé, reguada... Se eu fosse pedir agora para cada um dos milhares de leitores partilhar com os outros — como em sala de aula — o resultado deste pequeno exercício, a lista ia ser muito mais longa. Isto aqui é apenas um artigo, cabe não.

Uma coisa é certa: vai ser difícil encontrar alguém que nunca tenha apanhado ou sofrido algum tipo de castigo físico quando criança: ajoelhar no milho, ficar

de pé atrás da porta ou no corredor, segurar livros pesados com os braços abertos na frente da classe, o que mais?

“Grito?

Pego o chinelo?

Viro a mão?”

A pedagogia do chinelo: desde os tempos do meu curso de magistério trago o título de um possível livro na cabeça. Instituto de Educação, sabe como é: tantas matérias — psicologia da criança, filosofia, sociologia educacional, didática, tudo tão bem estruturado, com tantas nuances teóricas, tantos autores, tudo tão bonito!

Aí você chega em casa, depois de um dia cheio de aulas, a criançada correndo de um lado para o outro, a maior bagunça. “Falo uma vez, nada. Falo mais alto, e a baderna continua. O que é que eu faço? Grito? Pego o chinelo? Viro a mão?” Como dizia o jornalista Joelmir Betting — que, se não me falha a memória, até escreveu um livro sobre economia com esse título —, “na prática, a teoria é outra”.

No caso desse meu livrinho, aliás, a ideia não era fazer tese, não. Era ir juntando uma porção de situações concretas do dia a dia como essas lembradas acima. Em casa, em sala de aula, na rua, onde fosse. Ouvir crianças, pais, professores. Refletir e escrever um pouco sobre o que é que nos leva ao uso da força contra as crianças — começando às vezes pelos nossos próprios filhos, em nome da educação. Olhar também para trás e para fora: como é que nossos antepassados tratavam as nossas crianças, como é que elas são tratadas hoje, no Brasil e em outros cantos do mundo. Um livrinho com linguagem simples, que fugisse um pouco do palavreado acadêmico e pudesse ser lido pelos meus colegas professores primários, por exemplo.

Como a ideia era de livro, não de artigo para jornal ou revista, não houve data marcada. Aí, os livrinhos em parceria com Paulo Freire acabaram passando na frente, e *A pedagogia do chinelo* foi ficando para escanteio. Mas nem por isso:

dez, vinte, trinta anos depois da ideia do título, mundo afora, continuo recolhendo material. De lá para cá, evidentemente, muitos livros, artigos, reportagens já saíram sobre o assunto. Se tiver acesso à internet, por exemplo, verá que são milhares as referências, sobretudo em inglês. O problema aí, cada vez maior, é o de conseguir enxergar o milho no meio da palha, mas isso já é outra conversa.

QUEM É PEQUENININHO APANHA MAIS!

Quer saber? O fato é que fala fala, passa o tempo, *A pedagogia do chinelo* sai-não-sai, e o uso da força contra as crianças continua correndo à solta pelos quatro cantos do mundo. Exemplos?

- Estudos feitos nos Estados Unidos, nos anos 1990, mostram que cerca de 90% dos pais com crianças de dois a seis anos castigam seus filhos fisicamente. E veja só: à medida que as idades sobem, as porcentagens caem: são de 75% a 80% quando as crianças têm entre sete e dez anos; 50% continuam batendo quando elas têm treze; 32% aos dezesseis anos e, finalmente, “apenas” 18% batem nos filhos com dezessete. Trocando em miúdos: quem é pequenininho, com menos condições de reagir e, portanto, mais fisicamente vulnerável, apanha mais!⁴³
- Na França, segundo uma pesquisa de 1999, 85% das crianças apanham dos pais. Apesar de os castigos físicos estarem proibidos por lei desde 1887, 44% dos professores primários franceses confessaram, em 1990, dar palmadas na bunda dos alunos, sabia?⁴⁴
- Até no Japão a coisa apertada para a criançada: entre 1990 e 1995 foram registrados entre setecentos e mil casos de castigos físicos nas escolas, por ano. Uma pesquisa feita com seiscentas mães de filhos com treze anos revelou que 56% deles haviam recebido castigos corporais. Cinquenta por cento das mães declararam aceitar essas punições em caso de mau comportamento dos filhos. Note: a primeira lei japonesa proibindo o

castigo físico nas escolas saiu em 1879, caiu em 1885, voltou em 1890, caiu de novo em 1900 e voltou uma vez mais, até hoje, desde 1941.⁴⁵

- Um exemplo africano: em novembro de 2001, o então presidente da República da Libéria, Charles Taylor, fez questão de ir à escola de uma de suas filhas, Edena Taylor, de treze anos, para castigá-la por mau comportamento. Diante dos alunos todos, fez a menina deitar de bruços sobre a mesa do professor e deu-lhe dez chibatadas. As fotos e a notícia do evento rodaram o mundo. Gostou?⁴⁶

O SILÊNCIO QUEBRADO E O GORILA KING KONG

Quanto ao Brasil, tenho estado fora desde 1985, portanto vocês sabem da situação certamente melhor que eu. Pelo que vejo na mídia, o tema volta e meia vem à tona, e o silêncio vai sendo quebrado. Dois casos concretos:

- “Palmada, não! — *Psicólogos lançam campanha contra os tapas em crianças e afirmam que esse modo de impor limites não ajuda a educar.*” Uma extensa matéria on-line da revista *IstoÉ*, de 27 de fevereiro de 2002, deu bom eco a uma iniciativa do Laboratório de Estudos da Criança (Lacri), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP);
- uma reportagem de mais de cinco minutos foi o tema de abertura do programa televisivo *Fantástico*,⁴⁷ de domingo, 11 de julho de 2004: “Os pais devem ou não dar palmadas nos filhos? A pergunta, que pode parecer banal, virou tema de debate em um dos mais importantes parlamentos da Europa [Inglaterra]”, informa um dos apresentadores. “Qual deve ser, afinal, o limite que os pais devem seguir na hora de repreender os filhos?” E aí, em voz *off* diante de uma cena de terror do famoso filme com o gorila King Kong (1933), a apresentadora comenta: “Os pais que perdem a paciência acabam ficando com a fama de vilões. Mas controlar um pestinha só com bons argumentos é mais fácil nos livros do que na prática.”

Livros? Há certamente vários no mercado editorial brasileiro a respeito, mas um deles me chamou particularmente a atenção. Esse sim, verdadeira tese, que vale a pena consultar: *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*, da dra. Viviana Nogueira de Azevedo Guerra.⁴⁸

A FORÇA, EM NOME DA EDUCAÇÃO: SIM OU NÃO?

Já *A pedagogia do chinelo* por enquanto continua na moita. Vou terminar *Lições de casa*, o último em parceria com Paulo Freire. Aí, sequência lógica, vou ver se consigo desencalhar o tal livrinho. Como provável subtítulo, a pergunta: “Sim ou não ao uso da força contra a criança, em nome da educação?”

E para que você não pense que vou apenas alimentar o debate, encarapitado em cima do muro, aqui vai a dica: a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança — de longe o tratado internacional mais reconhecido da história desde que a gente anda de pé (com apenas dois países que não o ratificaram: os Estados Unidos e a Somália) — garante a toda criança o direito à proteção “contra todas as formas de violência física ou mental, dano ou sevícia, abandono ou tratamento negligente, maus-tratos ou exploração, incluindo a violência sexual, enquanto se encontrar sob a guarda de seus pais ou de um deles, dos representantes legais ou de qualquer outra pessoa a cuja guarda haja sido confiada”.⁴⁹

Nesse tal debate, portanto, a resposta curta e simples ao provável subtítulo é: não.

Sérgio Guimarães

Notas

- 42 Publicado, com ligeiras alterações, na edição de setembro de 2004 da revista Educação, ano 8, nº 89. São Paulo: Editora Segmento, pp. 32-5.
- 43 Michael Kaufman, *The Issue of Physical Punishment and Ending Violence in Our Home and Communities*. Nova York: Unicef, 31 de março de 2000.
- 44 Olivier Maurel, *La Fessée*. Tressan: Editions La Plage, 2001. 128 pp.
- 45 Noburu Kobayashi, Masako Tanimura e Yukio Shimauchi, *Corporal Punishment in the Schools and Homes of Japan*. Hong Kong: 9th Asian Congress of Paediatrics, 22-23 de março de 1997. 5 pp.
- 46 BBC News Online, *Liberia's President Brandishes the Rod*. Londres: 9 de novembro de 2001. The Perspective, Smyrna, Geórgia, USA, *First Daughter Becomes Victim of Public Relations Ploy*.
- 47 Na Rede Globo Internacional.
- 48 São Paulo: Cortez Editora, 1998, 3a ed. revista e ampliada. 264 pp.
- 49 “Conveção sobre os direitos da criança”. Nova York: Unicef, dezembro de 1990.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Izabel Aleixo

PRODUÇÃO EDITORIAL

Mariana Elia

REVISÃO

Fátima Amendoeira Maciel

Jorge Luiz Luz de Carvalho

PROJETO GRÁFICO

Priscila Cardoso

DIAGRAMAÇÃO DA VERSÃO IMPRESSA

Filigrana



PAZ E TERRA